

Flauta Doce e Ensino Superior

Características, desafios e possibilidades de ações de ensino,
pesquisa e extensão



Antonio Chagas Neto (Org.)

Flauta Doce e Ensino Superior

Características, desafios e possibilidades de ações de ensino,
pesquisa e extensão



Antonio Chagas Neto (Org.)



NÚCLEO DE FLAUTA DOCE DA UFCA

Flauta Doce e Ensino Superior: características, desafios e possibilidades de ações de ensino, pesquisa e extensão

**Antonio Chagas Neto (org.)
2023**





Flauta Doce e Ensino Superior: características, desafios e possibilidades de ações de ensino, pesquisa e extensão

Copyright© 2023 by Antonio Chagas Neto (org.).
Efetuado depósito legal na Câmara Brasileira do Livro (CBL).



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI**

Av. Ten. Raimundo Rocha, 1639 - Cidade Universitária,
Juazeiro do Norte - CE CEP 63048-080
Telefone: (88) 3221-9200

Organização

Antonio Chagas Neto

Autores

Alice Galdino
Antonio Chagas Neto
Daniele Cruz Barros
Isamara Alves Carvalho
Lucia Becker Carpena
Paula Andrade Callegari

Capista

Antonio Chagas Neto

Diagramação

Bárbara Larissa Alexandre Filgueira Mota
Emanueli da Silva Viana

Projeto Gráfico

Bárbara Larissa Alexandre Filgueira Mota

Revisão textual

Natália Brito Bessa

Revisão de Normalização

Ana Lúcia Lucio Pinheiro
Karina de Carvalho Dantas

Dados internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

F587

Flauta doce e Ensino Superior: características desafios e possibilidades de ações de ensino, pesquisa e extensão/ organizado por Antonio Chagas Neto. - Juazeiro do Norte : Universidade Federal do Cariri, 2023.
68 p. PDF.

Modo de acesso: <https://ebooks.ufca.edu.br/catalogo/>
Núcleo de Flauta Doce da UFCA
Universidade Federal do Cariri - UFCA

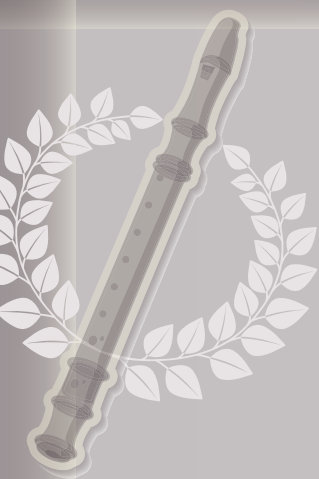
ISBN 978-65-88329-57-3

1. Flauta doce. 2. Bem viver. 3. Educação musical. I. Chagas Neto, Antonio.

CDD 788.35

Bibliotecária: Glacínésia Leal Mendonça
CRB 3/925

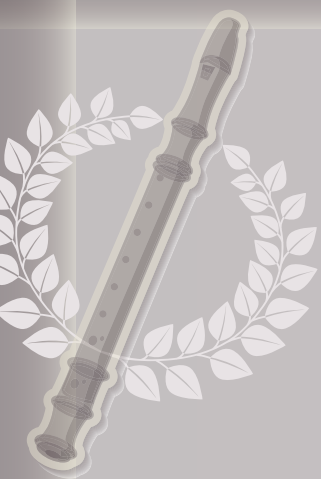




Sumário

Prefácio	6
	<i>Jusamara Souza</i>
Apresentação	8
	<i>Antonio Chagas Neto</i>
Estratégias de ensino da flauta doce na UFPE: licenciatura e bacharelado.....	10
	<i>Daniele Cruz Barros</i>
Estratégias de ensino de flauta doce no ensino superior: relato sobre a experiência na UFSCAR a partir de 2009	20
	<i>Isamara Alves Carvalho</i>
Pesquisas e o Mestrado em Música - Práticas Interpretativas - Flauta doce na UFRGS	32
	<i>Lucia Becker Carpena</i>
Bloco & Bisel: a flauta doce na extensão universitária e suas articulações com o ensino e a pesquisa.....	42
	<i>Paula Andrade Callegari</i>
Núcleo de Flauta Doce da UFCA: o recital didático como ferramenta de divulgação da Flauta Doce na região do Cariri.....	55
	<i>Alice Galdino</i>
	<i>Antonio Chagas Neto</i>
Sobre os autores	66





Prefácio

Estávamos no início de 2022, ainda em meio a uma pandemia, quando o Professor Antonio Chagas Neto trouxe a proposta de realizar um evento para discutir sobre a Flauta doce no Ensino Superior abrangendo questões sobre ensino, pesquisa e extensão. Proposto no âmbito de seu pós-doutoramento, o evento seria composto de três encontros com a participação de convidados que pudessem contribuir com essas temáticas.

Realizado na Universidade Federal do Cariri, nos dias 6, 7 e 8 de junho daquele ano, de forma virtual, o *I Fórum Flauta-doce e Ensino Superior: características, desafios e possibilidades de ações de ensino, pesquisa e extensão* foi um sucesso! Parte do que foi apresentado e discutido aparece agora registrado nessa publicação no formato de livro possibilitando uma divulgação maior de um tema que é tão importante para os cursos de música.

O livro, organizado por Antonio Chagas Neto, reúne profissionais especialistas na Flauta-doce de cinco universidades brasileiras: Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal de São Carlos, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Uberlândia e Universidade Federal do Cariri.

Semelhante a estudos de caso, podemos ler nos capítulos sobre a trajetória da Flauta-doce e sua inserção nos cursos de graduação (bacharelado e licenciatura) de cada uma dessas universidades e na Pós-Graduação em Música, como no caso da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Essas informações são relevantes para traçarmos um histórico de como esse instrumento foi incorporado às práticas instrumentais no ensino superior e quais foram os desafios e dificuldades enfrentadas. Os capítulos também trazem informações sobre os profissionais pioneiros que ajudaram a construir essa área e tornar a profissionalização da formação em flauta doce uma realidade no Brasil. São professores que formaram gerações que hoje mantêm o instrumento vivo por meio do ensino, pesquisa e extensão.

Outro mérito do livro é trazer de maneira explícita as metodologias utilizadas





para o ensino da flauta-doce, o que permite aos leitores e leitoras entender a didática do instrumento com seus repertórios, materiais didáticos utilizados, formas de organização da aula e tantos outros aspectos. São relatos de professores que possuem anos de experiência com o instrumento como performers, mas que também se dedicam ao ensino e à extensão, buscando a interação entre essas três áreas que a universidade pública tanto preza.

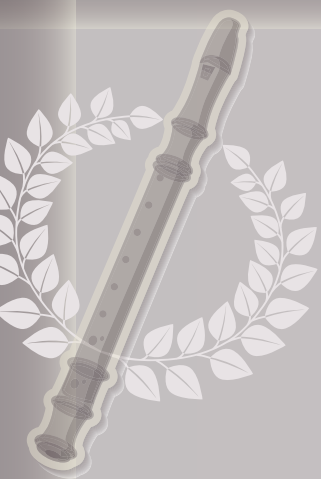
Por essas características o livro é uma obra pioneira. Pelo tema e pelo enfoque dado, trata-se de uma obra básica para professores, estudantes e outros públicos que querem entender como a flauta-doce se insere no ensino superior de música e o quanto a comunidade de flautistas tem trabalhado para o crescente sucesso deste instrumento na formação de musicistas e professores de música no cenário brasileiro.

Cumprimento o organizador pela iniciativa e pelo cuidadoso trabalho de edição bem como os autores por compartilharem suas experiências e comporem esta obra que será certamente uma referência nos cursos de graduação em Música. E que venham outros fóruns e outras publicações dessa natureza. Parabéns!

Jusamara Souza

Porto Alegre, junho 2023





Apresentação

Este livro é composto por cinco capítulos que buscam tratar sobre as experiências de ensino, pesquisa e extensão de professores e professoras em universidades de diferentes regiões do país. No intuito de divulgar, refletir e problematizar aspectos vivenciados, esta publicação torna-se um espaço de compartilhamento de vivências.

Sua inspiração e estrutura vieram a partir do *I Fórum Flauta Doce e Ensino Superior: desafios, características e possibilidades de ações de ensino, pesquisa e extensão*, realizado nos dias 06, 07 e 08 de junho de 2022. O evento aconteceu em formato virtual e foi organizado pelo Núcleo de Flauta Doce da UFCA, projeto institucional vinculado à Pró-Reitoria de Cultura da Universidade Federal do Cariri. Esta ação fez parte das atividades desenvolvidas ao longo do meu pós-doutorado, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a supervisão da Profa. Dra. Jusamara Souza – a qual agradeço desde já o apoio e sugestões que foram fundamentais para se pensar na estrutura e objetivos do evento e, conseqüentemente, desta publicação.

O primeiro capítulo, denominado ‘Estratégias de ensino da flauta doce na UFPE: Licenciatura e Bacharelado’, foi escrito pela Profa. Dra. Daniele Barros (UFPE) e trata sobre suas experiências na universidade desde 1993, com destaque para estratégias com o trabalho textual, apreciação musical crítica e o encontro de performance. Ao final do capítulo, a autora ainda categoriza algumas estratégias, apresentando-as em quatro quadros, divididos em materiais e recursos; estratégias verbais; protagonismo estudantil e ações externas às ações de sala de aula.

O segundo capítulo foi escrito pela Profa. Dra. Isamara Carvalho (UFSCar). Com o título ‘Estratégias de Ensino de Flauta Doce no Ensino Superior: Relato sobre a experiência na UFSCar a partir de 2009’, a autora apresenta as experiências vividas ao ministrar as disciplinas de flauta doce em duas modalidades distintas, presencial e a distância. São abordadas questões que vão desde a forma de ingresso aos cursos até





o ensino de flauta doce durante o Ensino não Presencial Emergencial (ENPE).

O terceiro capítulo traz o texto da professora Dra. Lúcia Becker Carpena (UFRGS), intitulado ‘Pesquisa e o Mestrado em Música – Práticas Interpretativas – Flauta Doce na UFRGS. Como a própria autora trata, o texto aborda sobre um marco na história da flauta doce brasileira: a criação do primeiro curso de pós-graduação brasileiro voltado especificamente a este instrumento. Assim, o capítulo traz, além de uma contextualização histórica do instrumento na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, detalhes sobre o “mestrado em flauta doce”.

O quarto capítulo foi escrito pela Profa. Dra. Paula Andrade Callegari, intitulado “Bloco & Bisel: a flauta doce na extensão universitária e suas articulações com o ensino e pesquisa”. Neste capítulo a autora apresenta um breve histórico da flauta doce na Universidade Federal de Uberlândia, o Grupo de Flauta Doce da UFU, e destaca o projeto Bloco & Bisel a partir das ações de extensão universitária.

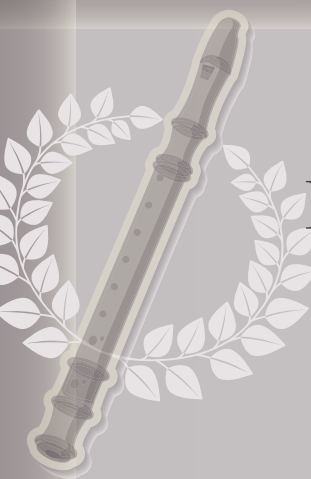
O último capítulo do livro é uma produção extra que não fez parte do evento, mas que achamos pertinente compor esta publicação. Escrito por mim e pela ex-aluna e bolsista Alice Galdino, o capítulo ‘Núcleo de Flauta Doce da UFCA: o recital didático como ferramenta de divulgação da flauta doce na região do Cariri’ é fruto de uma pesquisa científica realizada em 2021. Nele, além de fazermos um breve histórico e contextualização do grupo, tratamos principalmente sobre o impacto de um recital didático, tanto na comunidade universitária quanto na externa.

Assim, espero que este livro possa descortinar as várias experiências relacionadas à flauta doce no âmbito universitário. Que sirva de inspiração para docentes e discentes na realização de ações de ensino, pesquisa e extensão nos mais diversos âmbitos, contextos e regiões do nosso país.

Boa leitura!

Antonio Chagas Neto





Estratégias de ensino da flauta doce na UFPE: licenciatura e bacharelado

Daniele Cruz Barros¹

1 INTRODUÇÃO

Desde 1993, quando ingressei na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) como docente, venho experimentando diferentes maneiras de ensinar flauta doce. Além de me aperfeiçoar na performance do instrumento, sempre busquei conhecer novos materiais para utilização em sala de aula, assim como aprofundar meus conhecimentos através do desenvolvimento de pesquisas, pois certamente uma boa base performática, teórica e metodológica proporciona subsídios para uma prática pedagógica mais significativa.

O foco do presente trabalho está no uso das estratégias de ensino utilizadas nas aulas de flauta doce da UFPE. Para tanto, farei uma breve explanação sobre o termo estratégia, termo amplamente empregado em contextos diversos. Historicamente, o conceito de estratégia foi bastante utilizado no sentido militar como planejamento de atuação em uma guerra, por exemplo. Na gestão de empresas, este termo refere-se a práticas e metas definidas pelos gestores de uma empresa para ampliação dos negócios, sobrevivência numa crise, entre outros. O dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009) apresenta como um dos significados do verbete estratégia: “a arte de aplicar com eficácia os recursos de que se dispõe ou de explorar as condições favoráveis de que porventura se desfrute, visando ao alcance de determinados objetivos”. Acredito que este significado se aproxima bastante do sentido que o termo estratégia possui no contexto educacional, como veremos a seguir.

Em educação, numa visão tradicional de ensino, segundo Anastasiou (2015), a aula é o espaço em que o professor fala e explica os conteúdos, competindo ao aluno anotá-los para posteriormente memorizá-los. Nesta visão, a simples transmissão de informações já caracteriza o ensino, deixando os conteúdos dissociados dos aspectos

¹ Universidade Federal de Pernambuco; E-mail: daniele.barros@ufpe.br





contextuais, sociais, científicos e históricos. Atualmente, o aprender no sentido de receber informação não é mais satisfatório, dando lugar ao aprender no sentido de apreender, assimilar, apropriar-se de². Segundo Anastasiou (2015), assistir ou dar aulas deve ser substituído pelo *fazer aulas*. E é a partir deste conceito que a autora afirma: “Nesse *fazer aulas* é que surgem as necessárias formas de atuação do professor com o estudante sobre o objeto de estudo, e a definição, escolha e efetivação de estratégias diferenciadas que facilitem esse novo fazer” (ANASTASIOU, 2015, p. 19, grifo da autora).

Neste contexto, o professor desempenha importante papel no contínuo processo de preparação e condução de atividades e ações, buscadas nas estratégias selecionadas, a fim de levar os alunos a desenvolverem processos de mobilização, construção e elaboração da síntese do conhecimento (VASCONCELLOS, 1994 *apud* ANASTASIOU, 2015). Anastasiou (2015) afirma que o professor deverá ser um verdadeiro estrategista, no sentido de estudar, selecionar, organizar e propor as melhores ferramentas facilitadoras para que os estudantes se apropriem do conhecimento. Neste trabalho, estratégias de ensino referem-se, portanto, a dinâmicas ou procedimentos implementados pelo professor, através de diferentes meios e condições, para favorecer a aprendizagem dos alunos e atingir os objetivos de ensino. É essencial, na escolha das estratégias, que o professor possua um profundo conhecimento dos conteúdos propostos, assim como dos alunos, respeitando o momento e o contexto de cada grupo.

No ensino da música, felizmente este assunto também tem sido objeto de estudos e pesquisas e alguns autores têm desenvolvido reflexões relacionadas ao ensino de conhecimentos e habilidades do instrumento musical. Segundo Zorzal (2014), podemos categorizar as estratégias de ensino do instrumento musical em verbais e não verbais. Entre as verbais, o autor menciona estratégias que normalmente são adotadas em aulas de canto e/ou instrumento, dividindo-as em três grupos: estratégias com uso da linguagem figurada (como metáforas, analogias, entre outras), estratégias com uso da terminologia musical (*como forte, piano, ritardando, crescendo*, entre outros), estratégias com uso da linguagem literal (como falas, conversas e explicações do professor). Entre as estratégias não verbais, o autor menciona que, no geral, podem ser divididas em duas categorias principais: o uso de gestos por parte do professor

² A partir de tais reflexões a autora Anastasiou utilizou a expressão ‘ensinagem’ para indicar um processo complexo que envolve os sujeitos (professor e aluno), assim como os processos de ensino e aprendizagem. Este termo foi citado inicialmente em sua pesquisa de doutorado: *Metodologia do ensino superior: da prática docente a uma possível teoria pedagógica*. Curitiba, 1998.



e o uso de sons. O uso de gestos, segundo Zorzal (2014), acontece quase o tempo inteiro da aula de instrumento (como gestos musicais, marcações na partitura, contatos visuais, toques físicos, mudanças ou permanência da relação de proximidade entre professor e aluno, expressões faciais e, até mesmo, o silêncio). Já o uso de sons é dividido pelo autor em instrumentais (demonstrações e exemplos dados pelo professor no instrumento) e orais: demonstração vocal (como solfejo de determinado trecho, emissão de determinada célula rítmica, entre outros) e onomatopeias.

2 ESTRATÉGIAS UTILIZADAS NO ENSINO DA FLAUTA DOCE NA UFPE

A minha prática docente na UFPE sempre foi dividida basicamente em alunos de licenciatura e alunos de bacharelado³. Dentro do curso de Licenciatura em Música, existem diferentes perfis de disciplinas que envolvem a flauta doce e, conseqüentemente, esses diferentes perfis exigem estratégias também distintas. Para os alunos do Curso de Bacharelado em Instrumento e da Licenciatura em Música com ênfase em flauta doce (Prática Instrumental) eu poderia dizer que, em muitos aspectos, as estratégias verbais e não verbais citadas por Zorzal (2014) têm sido amplamente utilizadas. Além disso, gostaria de mencionar estratégias específicas que venho desenvolvendo com o objetivo de auxiliar esses alunos na assimilação de conteúdos e na reflexão/consciência performática. Dentre elas, destaco abaixo algumas que têm sido realizadas de maneira bastante satisfatória:

- **Trabalho textual:** através da leitura de textos de base para fundamentar as escolhas técnicas e interpretativas, o aluno é motivado a ler e discutir tratados (como Hotetterre, Ganassi, entre outros), teses e dissertações que possibilitam o aprofundamento de determinados aspectos relacionados com a técnica e a performance na flauta doce. Em alguns grupos de alunos também pode-se adotar a estratégia de mapa conceitual, a fim de facilitar a organização/sintetização das informações, assim como a visualização das relações entre os conceitos trabalhados. Além disso, para facilitar a compreensão dos conteúdos de determinados textos, como no caso do autor Hottetterre, foram utilizados recursos de áudio ou audiovisual (vídeos) para articular explicações textuais com conteúdos sonoros.

³ No perfil anterior do Bacharelado em Instrumento da UFPE (9204-1/início em 2010.1), tinha-se as disciplinas de Instrumento 1 a 10. Desde 2022.1 (perfil 9205-1), tem-se a disciplina Orientação no Instrumento 1 a 8. Na Licenciatura, no antigo perfil (8804-1/início em 1997.1), tinha-se a disciplina de Instrumento Auxiliar (4 semestres). No perfil da Licenciatura em Música da UFPE em vigor (8805-1/início em 2013.1) têm-se diferentes disciplinas que envolvem a flauta doce: Instrumento Complementar (2 semestres com possibilidade de continuação) e Prática Instrumental (Ênfase no instrumento – perfazendo um total de 6 semestres).





- **Apreciação musical crítica:** professor e/ou aluno selecionam, através de recursos de áudio ou audiovisual, pelo menos dois intérpretes com abordagens diferentes de uma mesma obra musical que está sendo trabalhada naquele semestre pelo aluno. Após apreciação das duas interpretações, o aluno é estimulado a realizar uma reflexão comparativa sobre determinados aspectos como andamento, caráter, ornamentação, tipo de instrumento utilizado, acústica, entre outros. Após discussão em sala de aula, o trabalho poderá ser entregue por escrito pelo aluno.
- **Encontro de performance** (carinhosamente chamado ‘simuladão’ pela classe de flauta doce do Bacharelado da UFPE): precedendo as avaliações de instrumento, cada aluno é motivado a tocar as peças estudadas para os colegas. Nesta ocasião, todos deverão tocar, ouvir, anotar e comentar aspectos da performance de cada participante. Além de mencionar o que acharam de positivo na performance dos colegas, todos podem sugerir maneiras que possibilitem o aperfeiçoamento de determinados aspectos que ainda podem ser trabalhados. Isto configura uma estratégia que busca solucionar problemas. Além de auxiliar os estudantes no alcance de determinados objetivos performáticos, esta estratégia também pode, em alguns pontos, ajudar o professor a colocar em perspectiva o processo de aprendizado dos alunos: algum aluno pode trazer um novo olhar/escuta e perceber elementos na performance de um colega que o professor não havia percebido; a explicação de um colega pode ter mais eficácia que a do próprio professor, pois nesse contexto a escuta entre os pares é redimensionada; o professor também pode se dar conta da compreensão dos alunos em relação a determinados conceitos e práticas, podendo ajustar possíveis equívocos e acrescentar novas informações/explicações.

Finalizando estes exemplos das disciplinas específicas de flauta doce do Bacharelado e da Licenciatura (ênfase em flauta doce), abordarei a seguir outro perfil de alunos – que atualmente, na UFPE, estão vinculados à disciplina de Instrumento Complementar. Considerando que os alunos desta disciplina geralmente são iniciantes no instrumento, fazem aula em grupo e terão na flauta doce uma ferramenta para trabalhar com música em sala de aula (educação básica, projetos sociais, entre outros), ao longo do tempo fui desenvolvendo várias estratégias que normalmente utilizo nesta disciplina. Algumas delas têm a mesma natureza do que é utilizado com os alunos de bacharelado e ênfase em flauta doce - perfis abordados acima, mas com enfoque e especificidades distintos.

Nos quadros a seguir, apresento uma breve categorização das estratégias – exclusivamente por motivo de organização - que venho desenvolvendo na minha





prática docente com este perfil de alunos e que tem representado experiências bem significativas. Para tanto, estabeleci quatro categorias de estratégias com suas respectivas dinâmicas e descrições detalhadas nos respectivos quadros. No Quadro 1 constam as estratégias desenvolvidas a partir de determinados materiais ou recursos, como textos, áudios, vídeos e instrumentos. Os materiais escolhidos servem de pivô e desafio para os estudantes, estimulando-os a observar, refletir e organizar os conteúdos. No Quadro 2 são apresentadas as estratégias verbais, nas quais determinadas informações são apresentadas através de explicações do professor e de diálogos com a turma. A contextualização de temáticas relacionadas com a disciplina também favorece uma conexão com a prática docente dos estudantes, fomentando a conscientização e a discussão sobre metodologia, textos, atividades, repertórios, entre outros. No Quadro 3 são descritas estratégias que estimulam a ação dos alunos, colocando-os no papel de protagonistas do processo de ensino-aprendizagem. Estas estratégias, que incluem improvisação, performance, composição, entre outros, proporcionam o desenvolvimento de processos criativos e a construção do conhecimento. O Quadro 4 se refere a estratégias que envolvem elementos externos ao processo direto de sala de aula, abrangendo a preparação de materiais e a criação de circunstâncias - por parte do professor - que favoreçam a assimilação e a compreensão prático-teórica dos conteúdos. Nestas estratégias estão incluídas a criação de novas disciplinas, novas peças para utilização em sala de aula, assim como o desenvolvimento de novos repertórios, grupos musicais e projetos.

Quadro 1

ESTRATÉGIAS DESENVOLVIDAS A PARTIR DE DETERMINADOS MATERIAIS E RECURSOS	
Dinâmica	Descrição
Estudo de textos para discussão	Exploração de ideias de um ou mais autores a partir da leitura crítica de textos, onde os alunos são estimulados a buscar determinadas informações para posterior apresentação/discussão em sala de aula. Nesta dinâmica, geralmente são utilizados textos sobre flauta germânica e barroca, sobre flautas plásticas e de madeira, sobre história e repertório do instrumento, entre outros.
Apreciação de áudios/vídeos	Exploração e audição crítica de gravações e vídeos contendo obras para flauta doce de diferentes períodos e estilos musicais, através dos quais os alunos começam a criar suas referências sobre repertório e a execução da flauta doce, despertando interesse e respeito pelo instrumento.
Observação de materiais	Através da exploração de fotos e vídeos os alunos podem melhor compreender determinados aspectos da técnica instrumental. Nesta estratégia, utilizamos, por exemplo, fotos do dedo polegar esquerdo em ação (técnica para obtenção de agudos), assim como vídeos produzidos com esta finalidade. Uma dinâmica possível, é distribuir fotos da ação do polegar para que reflitam sobre as possibilidades corretas ou incorretas.



Exploração de diferentes instrumentos	Professor pode tocar um mesmo tema musical em flautas diferentes. Por exemplo: sopranos barrocas em madeira de diferentes modelos ou fabricantes, sopranos barrocas em resina de diferentes modelos ou fabricantes, soprano germânica em resina, entre outras possibilidades. Nesta estratégia os alunos são estimulados a ouvir atentamente e diferenciar as sonoridades, exprimindo verbalmente suas observações e preferências. Nesta dinâmica, os alunos podem utilizar papel e lápis durante a escuta para anotar suas ideias e evitar possível confusão entre os instrumentos.
---------------------------------------	--

Fonte: os autores (2023).

Quadro 2

ESTRATÉGIAS EXPOSITIVAS E DIALOGADAS	
Dinâmica	Descrição
Exposição sobre a metodologia utilizada	Professor contextualiza as razões e os objetivos dos caminhos metodológicos adotados (em relação à introdução das notas na flauta doce, por exemplo), levando os alunos a refletirem sobre esse e outros caminhos possíveis. No contexto desta metodologia, apresenta-se minuciosamente a abordagem da flauta doce para iniciantes, articulando princípios do ORFFSHULWERK com a sequência do ensino das notas na flauta doce, salientando os intervalos, o âmbito reduzido de notas, o fazer música em grupo, o trabalho com escalas pentatônicas, modais e tonais.
Explicação sobre atividades, textos e repertórios utilizados	Professor promove a reflexão sobre determinadas abordagens feitas em sala de aula, articulando teoria e prática, fazendo os estudantes identificarem possíveis paralelos com suas realidades pedagógicas enquanto professores, fomentando relatos/discussões.
Conscientização sobre os objetivos da disciplina	Professor apresenta os objetivos da disciplina, levando os estudantes a refletirem sobre a importância de uma técnica básica sólida, aliada a conhecimentos que beneficiem a utilização da flauta doce em sala de aula. Através do diálogo com os estudantes, o professor destaca o fazer música desde os estágios iniciais do aprendizado do instrumento, no sentido mais amplo e prazeroso do termo. Obs: É importante trazer este tipo de discussão sobre objetivos, pois eventualmente alguns alunos perguntam se irão terminar o semestre tocando concertos de Vivaldi!
Reflexão sobre os materiais utilizados	Professor mobiliza os alunos a refletirem e buscarem soluções para determinadas questões como por exemplo: Nas peças de conjunto, o que utilizar para substituir xilofones/metalofones em escolas que não possuem esse instrumental? Teclado? Flautas contrato e tenor? Garrafas? Obs. Nesta discussão, alguns alunos que já construíram instrumentos em outra disciplina do curso de Licenciatura - como um “ukulele” e um jogo de garrafas - trouxeram estas criações como alternativas de solução.

Fonte: os autores (2023).

Quadro 3

ESTRATÉGIAS DE AÇÃO PARA OS ALUNOS	
Dinâmicas	Descrição
Criação de pequenas peças	Consiste em uma oportunidade, a cada etapa do aprendizado das notas, de estimular os alunos criarem peças simples, provocando em seguida uma reflexão crítica sobre o fazer música mesmo quando se tem apenas duas notas aprendidas. Para esta dinâmica é importante fornecer os materiais e as diretrizes para a criação das peças como número de compassos, âmbito melódico, tipo de escala (pentatônica, modal, tonal), eventuais acompanhamentos (ostinato rítmico-harmônico etc.), entre outros.



Improvisação	Possibilidade de motivar os alunos a improvisar na sala de aula desde as primeiras notas aprendidas. A partir de formas bastante simples como o rondó, por exemplo, é importante estabelecer os limites e as diretrizes para que a dinâmica não fique demasiadamente aberta e os objetivos se percam. Por exemplo: com as notas LA, DO e SOL na flauta soprano, pode-se criar uma atividade na forma rondó onde A é o tutti, enquanto B, C e D são momentos individuais de improvisação. O fato de alternar momentos individualizados e grupais, auxilia os alunos a superarem dificuldades específicas. A preparação da sessão com uma base rítmica e harmônica que segue no improviso individual, garante mais confiança e clareza aos alunos.
Observação da performance dos colegas	Espaço para desenvolver a observação, a análise e a argumentação. Numa atmosfera descontraída, os alunos são estimulados a observar - na performance dos colegas - aspectos técnicos e/ou musicais que podem ser melhorados como: dedos, sopro, articulação, respiração, fraseado, entre outros. Eles podem propor soluções verbalmente ou através de demonstração prática. Vale a pena ressaltar que esta dinâmica só poderá ser desenvolvida em sala de aula após prática e assimilação dos elementos técnico-musicais básicos por parte dos alunos.
Momento da performance	Momento da aula destinado a estimular voluntários a tocarem em espaço reservado para este fim (algumas classes de flauta doce da UFPE chamavam de “cantinho do solista”). Nesta dinâmica, os alunos tocam - de pé para os colegas - uma pequena peça de sua escolha, trabalhada nas aulas anteriores. Esta estratégia, além de estimular o estudo das peças em casa, também prepara para avaliações em forma de apresentação nas quais podem tocar sozinhos e/ou em grupo para outras turmas.
Seth	Representação teatral, a partir do conteúdo de um ou mais textos, na qual os alunos desenvolvem criatividade, desinibição e argumentação. O debate e o aprofundamento de determinadas temáticas como vantagens e desvantagens das flautas plásticas e de madeira, por exemplo, constituem uma boa oportunidade para o desenvolvimento desta dinâmica, criando polêmicas interessantes. Um aluno pode representar uma fábrica de flautas plásticas, enquanto outro representa uma fábrica de flautas de madeira; os demais podem representar professor e alunos de uma sala de aula com diferentes questões a respeito.

Fonte: os autores (2023).



Quadro 4

ESTRATÉGIAS DE CONDIÇÕES CRIADAS PELO PROFESSOR	
Dinâmicas	Descrição
Elaboração de pequenas peças para os alunos	Preparação prévia de materiais específicos para aplicar conhecimentos adquiridos em contextos musicais diversos. Pequenas peças com elementos regionais e folclóricos, por exemplo, articulados a princípios da música elementar de ORFF, podem abordar as notas que estão sendo trabalhadas com os alunos. Nesta dinâmica, podem ser utilizados ritmos, modos, trava línguas e parlendas da nossa realidade cultural, aliados a ostinatos rítmicos e harmônicos.
Criação de 2 disciplinas eletivas	1. ELABORAÇÃO DE MATERIAIS E ATIVIDADES PARA FLAUTA DOCE — disciplina focada na elaboração e exploração de estratégias para ensino das técnicas estendidas e seu uso em sala de aula, passando por momentos de embasamento, vivência, reflexão e criação. Podem ser utilizadas peças simples e lúdicas de compositores como Bruro Giner e Benjamin Thorn, por exemplo, e jogos de cartas, adaptando-se jogos existentes. Nesta dinâmica também pode-se fazer uso de curas linguagens associadas à música, como poemas concretos e poemas visuais, vídeos, pinturas, entre outras.
	2. ELABORAÇÃO DE MATERIAIS E ATIVIDADES PARA FLAUTA DOCE 2 — disciplina focada na elaboração de atividades e materiais que utilizam a cada etapa do ensino das notas, conhecimentos de ORFFSCHULWERK e materiais tradicionais como parlendas, estrofes de poemas/cordel, ritmos regionais, entre outros. Os alunos são estimulados a elaborarem melodias curtas sobre ostinatos rítmico-harmônicos em contextos modais e/ou tonais.
Organização e publicação de novos materiais para uso em sala de aula	Produção de novas peças pernambucanas (parcialmente publicadas nos Cadernos, volumes 1 e 2, através de EDUFPE e do FUNCULTURA, 2010 e 2019 respectivamente) para abrir novas possibilidades de abordar e desenvolver a flauta doce através de repertórios que se articulam com a realidade cultural dos estudantes. Além dos Cadernos, foram traduzidos e publicados 4 volumes do método de Laurence Poarer, de 2006 a 2011, a fim de ampliar as opções de material para iniciantes em Língua portuguesa, com uma base consistente. Os volumes destinados à Flauta contralto permitem preparar alunos intermediários com ênfase na técnica e nos ornamentos barrocos, sobretudo os franceses.
Formação de grupos musicais	FLAUTA DE BLOCO - projeto desenvolvido há 14 anos que propõe a realização de um trabalho técnico e musical da flauta doce através de repertório vinculado à realidade cultural local, incentivando alternativas decoloniais como estratégia para o ensino da flauta doce. Neste projeto, os alunos desenvolvem suas experiências de palco, assim como suas habilidades no instrumento, através do repertório pernambucano. Como desdobramento deste projeto tem-se um segundo grupo aberto a outros alunos de flauta doce, violão, contrabaixo e percussão que desejam vivenciar este repertório.
	SEM PÉ NEM CABEÇA - grupo que foi criado como espaço de descobertas, criações e experimentações para os alunos de flauta doce. Nesta dinâmica são utilizados elementos da música contemporânea, como as técnicas estendidas em processos de criação e inventividade.



Desenvolvimento do Projeto FLAUTA DOCE EM PAUTA	Projeto que teve cinco edições (2015-2019) e foi protagonizado pelos alunos. Seu objetivo principal foi dar visibilidade à produção de flauta doce do Departamento de Música ds UFPE, incluindo conjuntos, alunos flautistas/solistas e pesquisas. Este projeto também promoveu a oportunidade de interação com profissionais de outros centros (como Laurence Pottier, Lucia Carpena, David Castelo e Patrícia Michelini).
---	---

Fonte: os autores (2023).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso das diversas estratégias de ensino da flauta doce, assim como de outros instrumentos, deve ser contextualizado e, sobretudo, respeitar o perfil dos alunos envolvidos, considerando o nível técnico-musical e as características de cada grupo, como idade, contexto sociocultural e geográfico, objetivos, entre outros. Além disso, o professor deve estar constantemente atento à sua própria prática docente, atualizando-se sobre ensino e aprendizagem e colocando-se sempre aberto a novas descobertas e reflexões.

Neste sentido, é importante evitar “ligar o automático”, ou seja, não aplicar as estratégias escolhidas sem refletir previamente sobre as necessidades e o momento de cada grupo específico, pois a construção metodológica é contínua e por esta razão é sempre necessário avaliar, renovar e adaptar estratégias de ensino. Destaca-se também, em relação à utilização das estratégias de ensino, a importância de o professor de instrumento musical estar frequentemente disposto a “observar a prática de ensino de outros professores, principalmente em ambientes de *masterclasses* com renomados profissionais” (ZORZAL, 2014, p. 34).

A reflexão sobre as práticas de ensino do instrumento, tanto do próprio professor quanto de seus pares, pode criar diálogos e aprofundar questões, levando a uma otimização do emprego das estratégias de ensino. Finalmente, é muito importante considerar que além de atingir os objetivos da disciplina e facilitar o aprendizado dos alunos, as estratégias de ensino do instrumento musical devem ser previstas para também proporcionar ao estudante o prazer de fazer música em todos os níveis do aprendizado.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate (org.). Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville, SC: Ed. Univille, 2015. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2547831/mod_resource/content/1/Processos%20de%20Ensinagem.pdf. Acesso em: 05 dez. 2022.

BARROS, Daniele Cruz (org.). **Caderno de Música Pernambucana para flauta doce.**





Recife: Editora da UFPE, 2010.

BARROS, Daniele Cruz (org.). **Caderno de Música Pernambucana para flauta doce:** volume 2. Recife: Editora da UFPE, 2019.

GANASSI, Silvestro. **Opera intitulata Fontegara:** Veneza 1535. Berlim: Robert Lienau, 1959.

HOTTETERRE, Jacques Martin. **L'Art de Préluder sur la flûte traversière:** sur la flûte à bec, sur le hautbois et autres instruments de dessus (Paris, 1719). Paris: Editions Aug, Zurfluh, 1966.

HOTTETERRE, Jacques Martin. **Principes de la Flûte Traversière** (Paris: Ballard, 1707). Edição facsimilar. Kassel: Barenheiter, 1990.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

POTTIER, Laurence. **Método de flauta doce para iniciantes:** a flauta soprano. Tradução de Daniele Cruz Barros. Recife: Editora UFPE, 2006. v. 1.

POTTIER, Laurence. **Método de flauta doce para iniciantes:** a flauta soprano. Tradução de Daniele Cruz Barros. Recife: Editora UFPE, 2008. v. 2.

POTTIER, Laurence. **Método de flauta doce para iniciantes:** a flauta contralto. Tradução de Daniele Cruz Barros. Recife: Editora UFPE, 2010. v. 3.

POTTIER, Laurence. **Método de flauta doce para iniciantes:** a flauta contralto. Tradução de Daniele Cruz Barros. Recife: Editora UFPE, 2011. v. 4.

ZORZAL, Ricieri Carlini. Estratégias para o ensino de instrumento musical. In: ZORZAL, Ricieri Carlini; TOURINHO, Cristina (org.). **Aspectos práticos e teóricos para o ensino e aprendizagem da performance musical.** São Luís: EDUFMA, 2014. p. 12-45.



Estratégias de ensino de flauta doce no ensino superior: relato sobre a experiência na UFSCAR a partir de 2009

Isamara Alves Carvalho⁴

1 INTRODUÇÃO

Meu ingresso no Departamento de Artes e Comunicação (DAC) da UFSCar, como servidora docente, foi em agosto de 2009, mas a flauta doce na UFSCar tem uma história mais antiga. A oferta de disciplinas de graduação iniciou-se em 2004 com o início da primeira turma do curso de Licenciatura em Música, modalidade presencial. Por outro lado, muito antes já era possível encontrar crianças e jovens tocando flauta doce nos corredores do DAC por conta da oferta de projetos de extensão, oferecidos no Laboratório de Musicalização, sob orientação da Profa. Dra. Ilza Zenker Leme Joly.

Preparei este momento partindo da experiência que vivi na oferta de disciplinas de flauta doce para dois cursos de Licenciatura em duas modalidades distintas, Música na modalidade presencial e Educação Musical na modalidade de Educação a Distância, ambos na Universidade Federal de São Carlos.

O ingresso na nossa Licenciatura em Música é realizado via ENEM e Prova de Habilidade Específica sem avaliação prática de instrumento. Temos dois projetos pedagógicos de curso vigentes. No primeiro havia a obrigatoriedade para os estudantes cursarem uma disciplina de flauta doce com 60h de carga horária. Além disso, também estava prevista a oferta de duas disciplinas optativas com 60h (Flauta Doce 2) e 30h (Estudos Avançados em Flauta Doce). Neste PPC estavam previstas disciplinas obrigatórias e optativas de voz, violão, teclado e percussão.

O segundo PPC do Curso de Licenciatura em Música implementou uma modificação na oferta de disciplinas de instrumentos musicais. Cada estudante deve escolher um instrumento musical para se dedicar em seis disciplinas consecutivas com 30h de carga horária cada. A disciplina de voz transformou-se em canto popular, violão virou violão popular, bateria foi agregada à percussão, mantivemos flauta doce

⁴Universidade Federal de São Carlos; E-mail: isamara@ufscar.br





e teclado e acrescentamos clarineta entre as opções.

O curso de Licenciatura em Educação Musical, modalidade de educação a distância, teve oferta de turmas entre 2007 e 2013. O ingresso era idêntico ao ingresso do curso da modalidade presencial, isto é, conhecimentos das áreas de formação do ensino médio avaliados via ENEM e conhecimentos musicais avaliados via Prova de Habilidade Específica. Dois PPCs permearam a implementação do curso, PPC 2007 e PPC 2010. No primeiro projeto a prática com flauta doce ocorria no interior das disciplinas de Vivências em Educação Musical, porém antes da conclusão da primeira turma foi realizada uma alteração e acrescentou-se algumas disciplinas optativas de instrumentos, entre elas, a disciplina de Flauta Doce. No PPC de 2010, indicamos que cada estudante deveria escolher um instrumento e cursar quatro disciplinas do mesmo com carga horária respectiva de 60h (Flauta Doce 1, 2 e 3) e 30h (Flauta Doce 4). As opções de disciplinas de instrumento dadas aos estudantes foram: flauta doce, voz, violão, teclado e percussão.

2 PERÍODO PRÉ-PANDEMIA:

LINHAS GERAIS DE ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E METODOLÓGICA

De maneira geral as aulas de flauta doce nos cursos presenciais e EaD da UFSCar - pré-pandemia, eram organizadas procurando garantir momentos para refinamento técnico com as flautas doces soprano e contralto, prática de repertório para flauta doce em duetos, trios e quartetos (soprano, contralto, tenor e baixo), prática de repertório com acompanhamento de piano ou violão, prática de repertório que foi pensado para contextos de turmas de iniciação musical, leitura e reflexão de referenciais sobre diferentes aspectos da flauta doce com destaque para autores que discutem a inserção da flauta doce em contextos educacionais diversos, e apreciação da produção de flautistas doces brasileiros e estrangeiros e do repertório para flauta doce em diferentes épocas e combinações.

Procurei trazer sempre para as conversas com os alunos e as alunas a temática da flauta doce em contextos de educação musical na educação básica, projetos sociais e escolas de música. O acesso aos materiais de apoio para estudo dos alunos da modalidade presencial era possibilitado pelo acesso à Biblioteca Comunitária (BCo) da universidade e contato próximo com meu acervo. Aos estudantes da modalidade de EaD era ofertado o acervo das bibliotecas dos polos de apoio presencial, porém de forma geral todos os polos estavam iniciando processos de compras de livros para suas bibliotecas. Para as duas modalidades, neste período, podíamos dispor de





versões digitais de revistas científicas da nossa área, além do acesso aos repositórios de teses e dissertações dos programas de pós-graduação de nossas universidades públicas. No desenvolvimento das aulas as discussões eram realizadas numa parte dos encontros presenciais ou nos fóruns temáticos disponibilizados nos ambientes virtuais de aprendizagem.

Tocar com os colegas também foi prática constante tanto na modalidade presencial por conta de as aulas serem coletivas, quanto na modalidade EaD via edição de arquivos de áudio (mp3) utilizando o software Audacity ou nos encontros presenciais realizados uma vez em cada oferta de disciplina e com duração de quatro horas. Esta organização também foi fruto de muita tentativa e erro, e muita aprendizagem. No início das primeiras turmas queríamos encontros semanais nos polos e com mediação dos tutores presenciais. Por n motivos esta escolha não foi viável e a partir da implementação PPC de 2010 alteramos para encontros presenciais concentrados em um final de semana, de 8h ou de 4h, dependendo da disciplina e com a presença do professor ou da professora sempre que possível.

Infelizmente, o último vestibular para ingresso no curso de Licenciatura em Educação Musical, modalidade EaD, ocorreu no final de 2013.

3 OFERTA DE DISCIPLINAS DE FLAUTA DOCE DURANTE O ENSINO NÃO PRESENCIAL EMERGENCIAL (ENPE)

A partir da segunda semana de março de 2020, e em decorrência das necessidades de medidas de segurança sanitária em virtude da propagação do novo coronavírus, gradativamente as nossas universidades paralisaram a realização de atividades presenciais de ensino, pesquisa e extensão. Vivemos um período longo preocupados com a fragilidade, riscos para a saúde de toda população, bem como da dimensão que esta doença tomava e o pouco que sabíamos sobre. Cada universidade, a partir de sua organização em colegiados, foi definindo as estratégias para retomada, mesmo que parcial, das atividades acadêmicas.

Na Universidade Federal de São Carlos, entre abril e junho de 2020, o Conselho de Graduação aprovou o primeiro calendário intitulado Suplementar, que permitiu a oferta de disciplinas entre 04 de maio e 26 de junho. O DAC não ofertou disciplinas para o curso de Licenciatura em Música neste período. Fizemos inúmeras reuniões nos conselhos de departamentos, de cursos e de centros. Criamos um Grupo de trabalho com representantes dos centros e de diferentes setores da Pró-Reitoria de Graduação





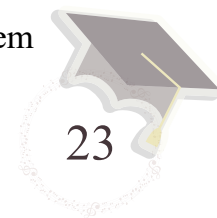
(PROGRAD), para respaldar o conselho de graduação nas discussões, planejamento de capacitações e implementação do que nomeamos internamente de “Ensino não Presencial Emergencial” (ENPE). Nossos calendários de ofertas de disciplinas para o ENPE foram implementados da seguinte forma: ENPE1, entre 31/08/2020 e 16/01/2021; ENPE2, entre 22/02 e 29/06/2021; ENPE3, entre 16/08 e 27/11/2021; e ENPE4, entre 17/01 e 30/04/2022, equivalentes aos períodos letivos de 2020/1, 2020/2, 2021/1 e 2021/2, respectivamente.

Entre as várias problemáticas observadas na comunidade acadêmica destaco a resistência inicial por conta da ausência de experiência nos processos de ensinar e aprender música com a utilização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, bem como a falta de estrutura tecnológica adequada nas residências de discentes e docentes.

Os estudantes de Flauta Doce, preferiram, inicialmente, participar de projetos de extensão com flauta doce, mas não demandaram a oferta de disciplina da graduação. A expectativa do grupo era que voltaríamos logo às atividades presenciais. Desta forma decidiram cursar outras disciplinas do PPC. No planejamento do ENPE3, isto é, no primeiro semestre de 2021, um ano após a paralisação das atividades acadêmicas presenciais na universidade, eu refiz a consulta sobre a possibilidade de realizarem a disciplina Instrumento ou Voz 5: Flauta Doce, e por conta da falta de perspectiva de retorno das atividades presenciais o grupo aceitou.

Apesar da minha experiência prévia na oferta de disciplinas para o curso de Licenciatura em Educação Musical na modalidade EaD, este contexto do ENPE, por diversos motivos, se diferenciava muito da EaD. Usamos as TICs, planejamos e organizamos ambientes virtuais de aprendizagem, nos mantivemos distanciados geograficamente, mas não tínhamos desenvolvido com o corpo discente e entre colegas docentes as competências e habilidades para vivenciarmos pedagogicamente esta nova realidade. A situação foi determinada pelas condições de segurança sanitária, isto é, não foi escolhida. Isso gerou muita resistência entre estudantes e professores para vivenciar o processo com entrega, com envolvimento, com brilho, infelizmente. Houve reflexo do contexto geral, tenso, de constante preocupação, adoecimento e perdas no contexto acadêmico. Apesar de tudo eu estava bastante desejosa pela oferta da disciplina de instrumento no formato do ENPE, pois víamos que a prática musical estava ajudando muitos nas questões de saúde mental, inclusive.

A disciplina Instrumento ou Voz 5: Flauta Doce foi planejada inicialmente em



três tópicos de três semanas cada e um tópico para fechamento do Recital. Em cada um dos três primeiros tópicos a estrutura de recursos e atividades do AVA Moodle era idêntica. Os alunos e as alunas encontraram um livro com: Orientações gerais, Cronograma, Materiais de Estudo, Estudar Junto Virtual e Encontros online.

Figura 1 - Imagem do Cronograma publicado nas Informações Gerais da disciplina Instrumento ou Voz 5: Flauta Doce

Livro do Tópico 1 - Cronograma

Atividades Síncronas

Tópico 1 - 17/08/21 a 08/09/21	Links das reuniões no Google Meet	Datas
1o. Encontro Online - Abertura do Tópico	meet.google.com/pai-xmvc-ntr	17/08/21 - 10h
Plantão de Dúvidas	meet.google.com/hqf-fafg-jeb	31/08/21 - 10h

Atividades Obrigatórias - Assíncronas

Tópico 1 - Refinamento técnico (FDS e FDC), Duetos com piano, Duetos brasileiros e Literatura - Parte 1	Ferramentas	Prazo
AT 1.1 - Desafio Individual: Refinamento Técnico FDS e FDC - Estudos no. 01 [3 arquivos mp3]	Tarefa (arquivo)	30/08/21 - 23h55
AT 1.2 - Desafio Individual: Refinamento Técnico FDS e FDC - Duetos no. 01 [2 vídeos]	Tarefa (link)	30/08/21 - 23h55
AT 1.3 - Desafio em Grupo: Repertório no. 01 [3 vídeos]	Forum (link)	08/09/21 - 23h55
AT 1.4 - Desafio em Grupo: Roda de Conversa "O ensino de flauta doce na educação fundamental"	Forum	08/09/21 - 23h55

Podemos observar na Figura 1 a combinação de dois tratamentos quanto ao aspecto de organização temporal do Tópico 1 e que ficou padronizado para os demais tópicos. Estávamos no ENPE3 das demais disciplinas dos cursos de graduação da UFSCar. Algumas mudanças foram sugeridas pela PROGRAD, após avaliação das ofertas dos ENPEs 1 e 2 junto à comunidade. Solicitou-se que cada disciplina possibilitasse momentos síncronos e assíncronos, porém sem prejudicar os/as estudantes que, por qualquer motivo, não pudessem participar dos momentos síncronos. Em cada um dos tópicos realizamos um encontro síncrono no início e outro uma semana antes do fechamento para que o esclarecimento de dúvidas ocorresse. Todos os encontros ficaram gravados e disponibilizados no capítulo Encontros Online do livro.

Os estudantes e as estudantes, logo no início da disciplina, receberam em seus respectivos e-mails institucionais (nomedoaluno@estudante.ufscar.br) o convite do google agenda para todos os encontros previstos no cronograma. Além disso, ficou configurado que um lembrete seria enviado 24 horas antes e 10 minutos antes do início de cada encontro.

O quadro das atividades obrigatórias assíncronas indicava sempre o título, tipo



de arquivo esperado, qual atividade do Moodle seria utilizada e qual o prazo. Nesta disciplina fizemos nos 3 tópicos: duas Tarefas para entregas de arquivos de áudio ou link do Youtube não listado, um Fórum para compartilhamento do repertório e um Fórum para discussão de texto.

No capítulo Materiais de Estudo do Tópico 1 os alunos e alunas encontravam a lista do que deveria ser estudado, separado pelas categorias Refinamento técnico, Duetos com piano, Duetos brasileiros e Texto, como podemos verificar no Quadro 1.

Quadro 1 - Listas dos materiais de estudo solicitados no Tópico 1 da disciplina Instrumento ou Voz 5: Flauta Doce

Refinamento Técnico - Flauta Doce Soprano	Cap. 8 – ex. 126 e música 131 (MONKEMEYER, 1966); Escolher um exercício novo (ANDREONI, 1960; SPROESSER, 1963).
Refinamento Técnico - Flauta Doce Contralto	Cap. 7 - duetos 49, 50 e 51 (VIDELA, 1974); Cap. 5 – ex. 46 (MONKEMEYER, 1985).
Duetos com piano - Flauta Doce Soprano	Retomar e refinar o Minueto iniciado na disciplina Instrumento ou Voz 4: Flauta Doce (SUZUKI, 1998).
Duetos com piano - Flauta Doce Contralto	Retomar e refinar as três melodias do início do caderno, isto é, “ <i>The flowers are sleeping</i> ”, “ <i>The silent moon</i> ” e “ <i>Early one morning</i> ” (SUZUKI, 1998).
Duetos Brasileiros	Retomar e refinar os duetos brasileiros escolhidos na disciplina Instrumento ou Voz 4: Flauta Doce (CORRÊA, 1972; LACERDA, 1974).
Texto	BEINEKE, Viviane. O Ensino de flauta doce na educação fundamental. <i>In</i> : HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana. Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Moderna, 2003.

Fonte: os autores (2023).

O repertório para Quarteto de Flautas Doces e a preparação para o Recital foram organizados no Tópico 4, que ficou aberto durante toda a disciplina, isto é, entre 17/08 e 27/11/2021. O livro com orientações, materiais de estudo e estudar junto virtual foi apresentado neste tópico também. Houve, entretanto, apenas uma tarefa intitulada “Desafio em Grupo: Ensaio” com prazos delimitados paralelamente aos respectivos prazos dos Tópicos 1, 2 e 3.

A expectativa de tocar junto sem compartilhar os mesmos momentos e espaços físicos caracterizou-se como o principal desafio pedagógico e paralelamente interesse de pesquisa. O conceito do Estar Junto Virtual (VALENTE, 2018) tem me acompanhado desde 2009/2010, período que concluí meu doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar (CARVALHO, 2010). A minha inquietação,



busca e pesquisa sempre foram pela compreensão e possibilidade de quebra de paradigmas sobre distância e presencialidade, como determinantes da qualidade do processo de ensino e de aprendizagem em música. Na tese, em 2010, eu apresentei o *Tocar Junto Virtual*, a partir da análise de Potencialidades e Limites de uma disciplina do curso de Licenciatura em Educação da UFSCar no programa UAB.

Recentemente o *Tocar Junto Virtual* virou um curso de extensão, ofertado logo no início da pandemia, juntamente com as primeiras versões do *Vida na Flauta*, coordenado pelo colega David Castelo na Universidade Federal de Goiás e *Flauta doce em Sistema*, coordenado por Patricia Michelini Aguilari na Universidade Federal do Rio de Janeiro (CARVALHO; CASTELO; AGUILAR, 2020).

Na oferta das disciplinas de Rítmica dentro do ENPE eu passei a utilizar o “Estudar Junto Virtual” para caracterizar os capítulos dos livros nos quais os estudantes e as estudantes encontrariam materiais audiovisuais elaborados especialmente para o processo de estudo prático. Para as disciplinas de Flauta Doce os materiais foram planejados e gravados considerando as categorias pedagógicas de estudo. Para a categoria “Refinamento Técnico” foram planejados e gravados vídeos para as flautas doces soprano e contralto, nos quais eu simulava a maneira que frequentemente era abordada nos momentos presenciais, isto é, trabalhando poucos compassos, frases, com interações professora-alunos ou entre alunos, repetições, variações rítmicas e variações de articulação⁵.

Na Figura 2 podemos observar a categoria “Duetos do Método Completo de Flauta Doce Contralto de Mario Videla (Vol. 1)”, para a qual foram gravados vídeos de três formas diferentes: um vídeo para a primeira voz, um vídeo para a segunda voz e um vídeo com a voz um na primeira vez e na repetição a voz dois. Desta forma os alunos e alunas poderiam tocar interagindo com ambas as vozes. Num outro momento da disciplina, e após avaliação das tarefas entregues, foram feitas gravações também em dois ou três andamentos diferentes, porém somente da terceira versão dos vídeos.

⁵ O processo de Estudar Junto Virtual para o exercício 138 do Método para Flauta Doce Soprano de H. Monkemeyer. Disponível em: <https://youtu.be/rUQWq8hECZs>.



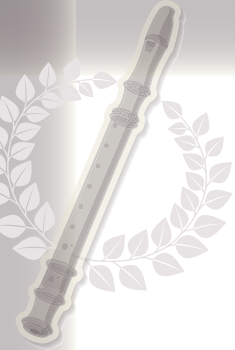
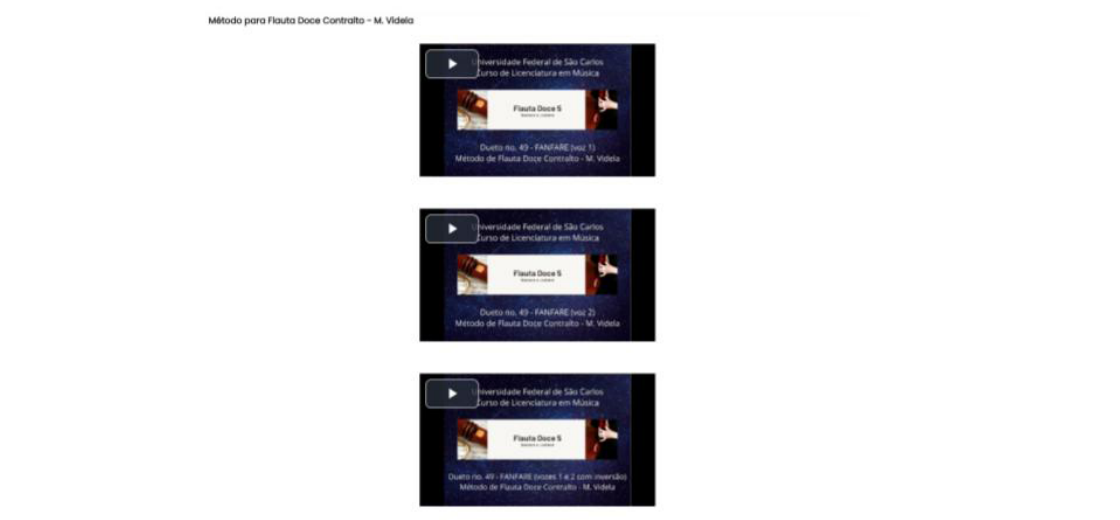


Figura 2 - Imagem das telas dos vídeos para estudo do dueto 49 (Videla, 1974)

Livro do Tópico 1 - Estudar Junto Virtual




Fonte: os autores (2023)

Os duetos de Videla (1974) foram estudados entre as disciplinas Instrumento ou Voz 5: Flauta Doce e Instrumento ou Voz 6: Flauta Doce. Na primeira fase os alunos e as alunas interagiram musicalmente comigo tendo como suporte os vídeos com cada uma das vozes separadas. No momento de preparação do Recital final, entretanto, cada um ou cada uma pôde escolher e gravar com outra colega⁶.

O Estudar Junto Virtual do repertório com “Acompanhamento de Piano” foi feito inicialmente com arquivos de áudio (mp3) em três andamentos diferentes. Próximo ao momento de finalização da disciplina, cada aluno ou aluna pôde combinar com Josiane Covre, nossa técnica de laboratório, qual andamento ideal para edição em duas telas do vídeo.

A saudade dos encontros presenciais começou a gritar a partir da tentativa de juntar as vozes das peças do conjunto das Invenções Acadêmicas (CORRÊA, 1972), do conjunto dos Três Duetos (LACERDA, 1974) e dos Seis Temas do Folclore Brasileiro (LACERDA, 1977). Na Figura 3 é possível identificar um exercício de mapeamento de vozes que tem o papel de realização do canto principal, ou do staccato mais discreto, de momentos que as vozes estão fazendo um ping-pong tempo a tempo ou ainda lugares que as duas vozes tocam exatamente a mesma escrita rítmica. Este

⁶O registro do Duetto Minuet (Georg Adam Kress) do Método para Flauta Doce Contralto de M. Videla pode ser apreciado no vídeo disponível em: <https://youtu.be/DRu-QIkuI0I>.



processo ocorreu no final da Flauta Doce 6. A conclusão desta peça será num grupo de estudo presencial.

Figura 3 - Mapeamento auxiliar para ensaio do primeiro movimento da peça Três duetos



Feedback com mapeamento nas partituras



Fonte: Lacerda (1974).

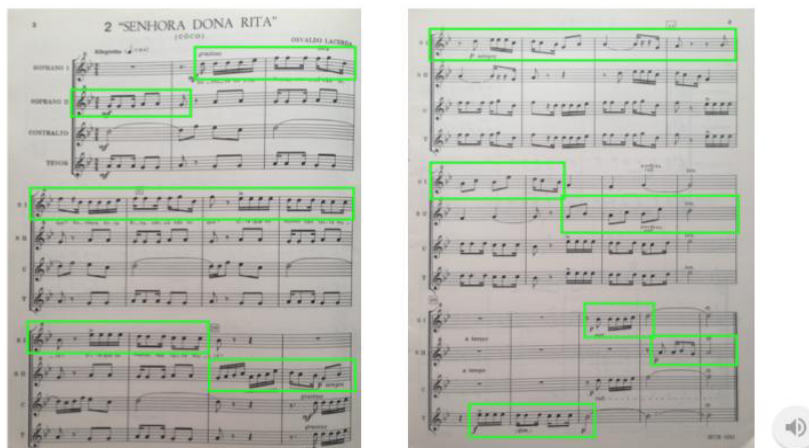
Um dos objetivos combinados com o grupo de estudantes, no início da disciplina Instrumento ou Voz 5: Flauta Doce, era estudar a íntegra das peças dos Seis Temas do Folclore Brasileiro (LACERDA, 1977) para duas flautas doces soprano, uma flauta doce contralto e uma flauta doce tenor. Porém, logo no início do processo, percebemos que muitas variáveis do âmbito da forma de realizar as gravações em áudio ou vídeo estavam sobrepostas às dificuldades técnicas e expressivas da própria obra. Significativas aprendizagens vivenciamos neste processo. Foi necessário analisar com calma as características de cada peça, escolher a voz que fazia a função de guia durante as gravações para que a junção das vozes e edição final dos vídeos em mosaico fosse realizada com satisfação.



Figura 4 - Indicação da linha guia para estudo da peça Senhora Dona Rita



Senhora Dona Rita - 6 temas do folclore brasileiro - O. Lacerda



Fonte: Lacerda (1977).

O Estudar Junto Virtual da peça “Senhora Dona Rita”, demonstrada na Figura 4, não funcionou com a íntegra de uma das vozes como guia. Precisei gravar uma linha com a combinação de vozes para que não ficasse nem nota longa demais e nem trechos com pausas. A ideia não era gravar com metrônomo para que pudéssemos aproximar mais as intenções, as articulações.

Na primeira etapa de estudos da peça “Senhora Dona Rita” fiz o compartilhamento de vídeos de cada uma das vozes gravadas separadamente. Após estudo de cada uma das vozes interagindo com estas gravações cada estudante fez sua própria gravação como tarefa para a disciplina. Em seguida eu experimentei a interação de uma das vozes com as gravações enviadas pelo estudante e encaminhei feedback com indicações de correções e regravações quando eram necessárias. Para a gravação final decidimos juntos os combinados musicais (andamento, compassos de preparação anterior à performance com o instrumento, referência de afinação) e aspectos não musicais (cores do ambiente, roupas e disposição corporal sentada ou em pé). A última edição do vídeo em mosaico foi realizada por mim utilizando o software *Da Vinci Resolve*⁷.

⁷ O vídeo final da peça Senhora Dona Rita, gravado na disciplina Instrumento ou Voz 6: Flauta Doce pode ser apreciado no link: <https://youtu.be/r10Y5EgitA8>.



4 REFLEXÕES FINAIS

No processo observado e exposto neste texto sobre as estratégias pedagógicas utilizadas em disciplinas de flauta doce no ensino superior destaco a última experiência decorrente da oferta no período do ENPE. A facilidade vivenciada pelos estudantes em gravar a uma ou duas vozes quando a outra voz era gravada pela docente ou pela técnica de laboratório foi bastante recorrente. Por outro lado, os desafios mais difíceis foram identificados nas demandas para juntar duas vozes executadas somente pelos estudantes e mais ainda no repertório brasileiro para quarteto de flautas doces.

Penso que a expectativa de que a qualquer momento voltaríamos para a modalidade presencial acabou provocando uma disponibilidade frágil para o processo de gravar de novo, de novo e de novo. É bem diferente na dinâmica de ensaios presenciais com os alunos e as alunas, pois tocar quatro vezes ou mais o mesmo trecho, o mesmo movimento, no ENPE, significava gravar, pelo menos, outros quatro arquivos diferentes. Sabemos quão ruidosos são os entornos das nossas casas, bem como o limite nas questões de equipamentos e de tratamento acústico dos nossos espaços. Finalizar novos quatro arquivos do mesmo movimento ou peça, muito provavelmente, significaria iniciar, interromper, retomar muitas tentativas de gravações. Desta forma, trabalhamos o tempo todo com o possível e não com o ideal para o que desejávamos. Trabalhamos na constante expectativa da transitoriedade.

REFERÊNCIAS

ANDREONI, C. **Metodo para Flauta Dulce**. Buenos Aires: Ricordi, 1960.

BEINEKE, Viviane. O Ensino de flauta doce na educação fundamental. *In*: HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana. **Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula**. São Paulo: Moderna, 2003.

CARVALHO, Isamara Alves. **Potencialidades e limites de uma disciplina do curso de Educação Musical a distância na UFSCar**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

CARVALHO, Isamara Alves; AGUILAR, Patrícia Michelini; CASTELO, David. Virtual flauta doce: projetos de extensão integrados com atividades não presenciais. **Revista Música**, [s. l.], v. 20, p. 337-350, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/179788>. Acesso em: 17 ago. 2023.

CORREA, Sergio de Oliveira Vasconcellos. **Invenções acadêmicas**. São Paulo: Ricordi, 1972.

LACERDA, Osvaldo. **Três duetos**. São Paulo: Editora Ricordi, 1974.

LACERDA, Osvaldo. **6 temas do folclore brasileiro para quarteto de flautas doces**. São



Paulo: Editora Ricordi Brasileira, 1977.

MÖNKEMEYER, Helmut. **Método para tocar flauta doce soprano**. São Paulo: Ricordi, 1966.

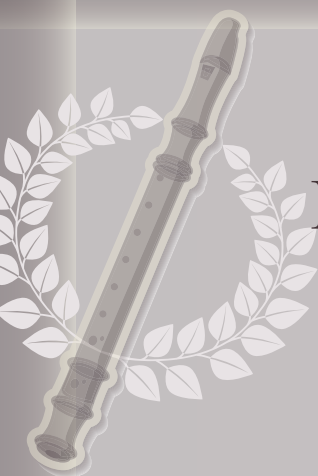
MÖNKEMEYER, Helmut. **Método per flauto doce contralto**. Milano: Ricordi Editora, 1985.

SPROESSER, Axel. **Übungsfibel**. 50 kleine Stücke für ein technisch sicheres Blockflötenspiel. Amsterdam: Heinrichshofen, 1963.

SUZUKI, Shinichi. **Recorder School**: soprano recorder. USA: Ed. Alfred. 1998. v. 2.

VALENTE, José Armando. Estar junto virtual. *In*: MILL, Daniel (org.). **Dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação a distância**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2018. p. 239-242.

VIDELA, Mario. **Método completo para flauta dulce contralto**. Buenos Aires: Ricordi, 1974.



Pesquisas e o Mestrado em Música - Práticas Interpretativas - Flauta doce na UFRGS

Lucia Becker Carpena⁸

O presente artigo foi escrito a partir de palestra que apresentei no *I Fórum Flauta Doce e Ensino Superior - Características, desafios e possibilidades de ações de ensino, pesquisa e extensão*, promovido pela UFCA (Universidade Federal do Cariri/CE) em junho de 2022 e coordenado pelo Prof. Dr. Antônio Chagas, docente daquela instituição. O evento teve três encontros dedicados ao ensino, à pesquisa e à extensão no âmbito do ensino superior brasileiro e na ocasião coube a mim apresentar aos participantes do fórum o Mestrado em Práticas Interpretativas – Flauta Doce no Programa de Pós-graduação em Música da UFRGS e as pesquisas ali desenvolvidas.

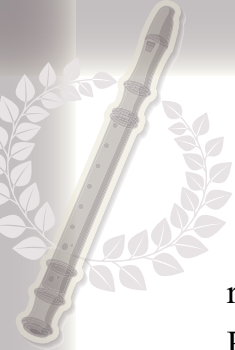
O convite representou a celebração de um marco na história da flauta doce brasileira: a criação, pelo Programa de Pós-graduação em Música da UFRGS, do Mestrado em Práticas Interpretativas – Flauta Doce, primeiro curso de pós-graduação brasileiro voltado especificamente para o nosso instrumento, com a possibilidade de orientação artística e acadêmica a cargo de um professor especialista em flauta doce. Trata-se, como dito, de fato pioneiro e cuja história precisa ser divulgada na comunidade flautística e acadêmica de nosso país.

1 INTRODUÇÃO

É impossível falar no assim chamado “mestrado em flauta doce” da UFRGS e das pesquisas ali realizadas sem conhecer os caminhos que levaram à sua criação, sem entender o contexto da flauta doce no ensino superior Brasil e mais particularmente na UFRGS. É importante relembrar, ainda que rapidamente, o percurso do ensino da flauta doce em nosso país até sua inserção no sistema de pós-graduação, que representa a integralização do ciclo formativo em nosso instrumento, dos primeiros contatos com a flauta doce no ensino fundamental e médio, passando pelo ensino conservatorial e técnico, a graduação e a especialização até chegar ao mestrado.

⁸ Universidade Federal do Rio Grande do Sul; E-mail: lucia.carpena@ufrgs.br





Como demonstra Michelini (2017) em sua tese de doutorado, encontramos registros do uso pedagógico da flauta doce de forma contínua a partir de 1950, em Recife, logo adiante na Escola de Música de Piracicaba (SP), com Maria Aparecida Mahle, e um pouco mais tarde no Rio de Janeiro com Helle Tirlor, na década de 1970. São alguns exemplos de iniciativas voltadas ao uso da flauta doce na musicalização infantil e que, juntamente com muitos outros espalhados por nosso imenso território, pavimentariam o caminho para que surgisse a demanda e também a possibilidade de formação técnica e superior em flauta doce no Brasil.

Os numerosos cursos de férias e festivais de Música voltados para a música antiga promovidos a partir da década de 1960 também são coadjuvantes importantíssimos na construção das condições que levaram à profissionalização da formação em flauta doce no Brasil. Voltados a um público de jovens músicos, estes eventos realizados em Campos do Jordão, Brasília, Curitiba, entre outros, despertaram em muitos o desejo de fazer da flauta doce seu instrumento de profissão e expressão artística. Terminados os dias de encantamento vividos nos festivais, depois de terem tido aulas com flautistas doces brasileiros e estrangeiros, muitos se perguntavam como fariam para continuar estudando flauta doce, com quem e onde.

A resposta estava nos muitos conservatórios e escolas de música espalhados pelo Brasil e nas universidades, sobretudo as públicas, federais e estaduais. A esta altura, nas décadas de 1970 e 1980, o Brasil já tinha vários cursos de graduação em Música, onde a flauta doce se fazia presente tanto nos cursos de Licenciatura como de Bacharelado. Podemos citar as pioneiras UFSM (em Santa Maria/RS, Profa. Ruth Kühn) e UFPE (em Recife/PE, Profa. Ilma Lira), assim como a UNIRIO (no Rio de Janeiro/RJ, Prof. Helder Parente), a UNESP (em São Paulo/SP, Prof. Bernardo Piza), o Conservatório Brasileiro de Música (no Rio de Janeiro/RJ, Prof. Ruy Wanderley) e a EMBAP (em Curitiba/PR, Profa. Elizabeth Prosser).

2 OS PRIMÓRDIOS DA FLAUTA DOCE NA UFRGS: ISOLDE FRANK

A flauta doce fez sua entrada na UFRGS em 1969, como disciplina obrigatória do curso de Licenciatura em Educação Artística – Habilitação em Música, mais tarde renomeado Licenciatura em Música. A professora era Isolde Mohr Frank⁹, alemã de nascimento que aprendeu flauta doce quando criança, em casa, e fez sua formação em flauta transversa na Escola Superior de Música de Stuttgart, na classe de Hans-Ulrich

⁹ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Isolde_Frank.





Niggemann (1916-2003). Tal como muitos de seus contemporâneos, Niggemann também tocava flauta doce, o que possibilitou a Isolde fazer uma especialização no instrumento. Chegada ao sul do Sul do Brasil, em 1959, Isolde encontrou vários trabalhos consolidados com flauta doce no ensino regular, em conservatórios e universidades em cidades como Bagé, Ivoti, Pelotas, Porto Alegre, Santa Maria e São Leopoldo.

A disciplina ministrada pela Profa. Isolde na UFRGS chamava-se Prática Instrumental – Flauta Doce e era coletiva, na verdade muito mais que coletiva, com turmas enormes de 10, 15 ou mais alunos. Era certamente um verdadeiro desafio pedagógico, não somente pelo tamanho do grupo, mas pelo fato de que, naquela época (e até 1985), o vestibular para o curso de Licenciatura não previa a realização da chamada Prova Específica. Diferentemente dos alunos de Bacharelado em instrumento, canto, composição e regência coral, os ingressantes da Licenciatura não precisavam de nenhum conhecimento em Música, sequer precisavam saber ler música, quanto mais tocar um instrumento. Assim, a disciplina de seis semestres tinha dois propósitos: ensinar flauta doce aos futuros professores de Música para que eles pudessem fazer uso do instrumento em sua futura prática profissional e ensiná-los a ler música através da flauta doce. Para narrar os primórdios da flauta doce no UFRGS, nada melhor do que ouvir a própria Isolde:

Comecei em 1969 como professora horista para atender o Curso de Licenciatura. O Bruno Kiefer foi a pessoa que motivou a direção do [Instituto de] “Belas Artes”¹⁰ para incluir a flauta doce nos instrumentos para a Licenciatura. Tive que ensinar que é possível aprender ler música tocando - sem decorar definições dos valores dos símbolos. E foi criado um quarteto de flautas para mostrar que existem flautas de tamanho diferente¹¹.

Eram sem dúvida tempos desafiadores, mas que a obstinada, paciente e sobretudo entusiasmada Profa. Isolde soube conduzir, formando inúmeras gerações de professores de Música que adquiriram bases sólidas para poder ensinar flauta doce e usá-la em suas práticas pedagógicas.

Em 1987 houve uma mudança no processo seletivo da Licenciatura, com a obrigatoriedade de realização da Prova Específica. Foi um passo importante principalmente no que diz respeito à valorização da Licenciatura como carreira, como

¹⁰ Antigo nome do atual Instituto de Artes da UFRGS.

¹¹ Depoimento dado em 22/11/2022. O Quarteto de Flautas de Porto Alegre mais tarde uniu-se ao Madrigal da UFRGS, transformando-se no Conjunto de Câmara de Porto Alegre, um dos mais longevos grupos de música antiga do Brasil, que encerrou suas atividades em 2006.





escolha vocacional dos candidatos ao curso de Música. Até aquele momento muitos candidatos prestavam o vestibular para Licenciatura sem necessariamente quererem ser professores, muitas vezes somente querendo aprender um pouco de Música ou visando adquirir a preparação necessária para prestar a seleção para o Bacharelado.

Isolde aposentou-se em 1993 e, com uma incrível capacidade de trabalho e inesgotável entusiasmo, formou no curso de Licenciatura da UFRGS muitas gerações de professores de Música que fizeram da flauta doce o seu instrumento de expressão musical e importante coadjuvante em sua prática pedagógica musical¹². Entre seus ex-alunos encontramos destacados professores de flauta doce no estado, como Bernhard Sidow, Cecília Silveira, Eliana Vaz Huber, Mara Martini e Sigrid Wüst. O trabalho de Isolde Frank deu credibilidade à flauta doce, vista então como um “pré-instrumento” sem possibilidades ou ambições artísticas, e tornou possível que jovens desejassem fazer da flauta doce o seu instrumento de formação em nível superior, despertando o interesse pela criação de um Bacharelado em flauta doce.

3 MUITAS NOVIDADES EM 1995

O ano de 1995 foi marcado por muitas mudanças em relação à flauta doce na UFRGS. A primeira delas foi a realização do concurso para provimento efetivo da vaga ocasionada pela aposentadoria da Profa. Isolde, concurso no qual eu fui aprovada, logo após ter concluído o Mestrado em flauta doce com Hajo Fuss na Escola Superior de Música de Stuttgart, mesma escola da Profa. Isolde, uma incrível coincidência! Comecei então minha carreira como professora de flauta doce na UFRGS, universidade onde havia me formado em Licenciatura. Lembro da energia na sala quando saiu o resultado final. Meus pais presentes, várias pessoas assistindo, a banca solene, em pé, as notas de cada examinador escritas no quadro negro. Eu estava aprovada, seria a sucessora de Isolde Frank. Naquele momento senti o peso da minha responsabilidade. Lembro que, ao fazer uma pequena fala, eu disse aos presentes que era uma honra para mim ser a nova professora de flauta doce da UFRGS e que eu ia me esforçar para, ao longo de minha carreira, dar continuidade ao trabalho da D. Isolde¹³.

¹² A esse respeito, o TCC de Noara Paoliello traz importante contribuição sobre a dupla função da flauta doce: A Flauta Doce e sua dupla função como instrumento artístico e de iniciação musical. TCC de Licenciatura em Música, UNIRIO, 2007. Orientação: Helder Parente. Disponível em: <http://www.domain.adm.br/dem/licenciatura/monografia/noarapaoliello.pdf>.

¹³ A partir deste momento, é inevitável que, pelo fato de eu ser a única professora de flauta doce da UFRGS, este artigo tenha momentos autobiográficos, pelo que já peço desculpas ao leitor.





A outra novidade em 1995 foi uma profunda mudança curricular na Licenciatura. Foi mantida a disciplina de Prática Instrumental – Flauta Doce, destinada a ensinar flauta doce a futuros professores, mas também foi criado um conjunto de disciplinas chamado Instrumento Principal, em seis semestres, pensado para ser a espinha dorsal em termos de formação instrumental dos futuros professores de Música. Naquela época já havia sido instituída a Prova Específica para o ingresso na Licenciatura, o que elevou consideravelmente o nível musical e técnico dos alunos, melhor preparados para o desafio que é tornar-se professor de Música em quatro anos. Depois de prestar a Prova Específica no instrumento de sua escolha, os futuros professores tinham (e têm até hoje) aulas individuais de instrumento ou canto ao longo de seis semestres, culminando com um recital de conclusão¹⁴.

Desde o início, sempre ficou claro para mim que o professor de Música tem que ser músico, que não pode ensinar aquilo que não sabe. Parece óbvio, mas não é, ainda mais quando se trata de flauta doce. Quem conhece a realidade das salas de aula do ensino infantil e fundamental, dos projetos sociais, das bandas e até mesmo de algumas universidades e conservatórios sabe disso. Qualquer pessoa dá aula de flauta doce, mesmo que não saiba tocar o instrumento. Afinal, “flauta doce nem é instrumento, não é mesmo?”, “É só para começar na Música, depois é que vem um instrumento de verdade”; “Assim que der passa para flauta transversa ou clarinete”. E assim por diante...

Como visto, desde 1995 até hoje, existem duas abordagens da flauta doce na Licenciatura. Uma como instrumento principal, meio de expressão artística, cursado durante seis semestres e que culmina com um recital de conclusão. A outra abordagem é por meio da disciplina chamada Prática Instrumental – Flauta Doce, com dois semestres, que tem por objetivo ensinar flauta doce a alunos que têm outro instrumento principal e que podem vir a utilizar a flauta doce em sua prática docente. Entretanto, mesmo com a flauta doce consolidada na Licenciatura, a UFRGS ainda não oferecia o Bacharelado em flauta doce, gerando questionamentos, demandas e frustrações naqueles que queriam ser “apenas” flautistas doces. Esta foi então a outra mudança importante no percurso da flauta doce na UFRGS: a criação do Bacharelado, criado em 1995 e implementado em 1996, no ano seguinte à minha posse como professora do Departamento de Música.

¹⁴ Existe a possibilidade de o aluno cursar mais dois semestres eletivos/optativos desta disciplina, caso queira aprofundar sua formação instrumental ou vocal e ampliar seu repertório.





4 O BACHARELADO EM FLAUTA DOCE

Em 1995 ainda eram poucos os bacharelados em flauta doce no país e vi que a UFRGS tinha que contribuir para aumentar a oferta de opções de formação de flautistas doces, ainda mais se considerando o grande interesse pela flauta doce no Rio Grande do Sul e a tradição de ensino do instrumento no nosso estado. Minha principal intenção era que os candidatos de flauta doce ao curso de Música tivessem a opção que eu e outros colegas não tivemos: poder escolher entre a Licenciatura e o Bacharelado, conforme nossa vocação e desejo.

Devido às características do mercado profissional da flauta doce, não é incomum que os alunos busquem uma dupla diplomação, mas para mim era crucial que os candidatos de flauta doce pudessem escolher o curso que queriam fazer. E assim foi que uma das primeiras alunas do Bacharelado em flauta doce foi uma ex-aluna minha da Fundarte – Fundação Municipal de Artes de Montenegro/RS, que tinha esgotado as possibilidades de formação em sua cidade natal e queria continuar estudando, queria ser flautista doce. A criação do Bacharelado em flauta doce completou as possibilidades de formação em flauta doce na graduação da UFRGS, cumprindo assim o papel da Universidade: oferecer oportunidades.

Desde 1969 a UFRGS vem formando dezenas de bacharéis e licenciados cujo instrumento principal é a flauta doce. Além da opção entre Licenciatura e Bacharelado, os alunos de flauta doce da UFRGS tinham também a oportunidade de participar de diversas atividades de extensão com flautistas doces brasileiros e estrangeiros, renovando conhecimentos, ampliando fronteiras, vislumbrando a possibilidade de dar continuidade a seus estudos em nível de pós-graduação. O mesmo acontecia com outros professores de flauta doce e flautistas doces Brasil afora e a pergunta era: se já temos tantos cursos de graduação no país, quando teremos um mestrado em flauta doce no Brasil?

5 ENFIM O MESTRADO EM FLAUTA DOCE!

Aos que se perguntam pelo motivo de tanta demora na criação deste primeiro mestrado para o nosso instrumento, apresento aqui algumas condições para a criação de uma área de concentração, linha ou terminalidade: demanda, qualificação docente e planejamento estratégico de crescimento.

A primeira delas é, sem dúvida, a demanda. Como já mencionado, o ensino superior de/em flauta doce existe no Brasil desde a década de 1970, formando um grande





número de licenciados e bacharéis. Mesmo assim, até 2017 não havia pós-graduação específica em flauta doce no Brasil, com orientação de um professor especialista no instrumento. Quase 50 anos esperando! Os flautistas doces com curso superior completo tinham três opções: estudar fora do Brasil, ficar no Brasil e fazer pós-graduação em outra área e não fazer pós-graduação¹⁵. Ou seja: havia demanda, mas faltavam as duas outras condições.

A segunda condição é a qualificação docente, que envolve titulação e produção artística e acadêmica. Para atuar em um programa de pós-graduação é necessário que o docente tenha doutorado, mas foi apenas a partir da metade dos anos 2000 que os primeiros flautistas doces brasileiros, docentes em instituições de ensino superior (IES), começam a se doutorar. Entre eles podemos citar Monica Lucas/USP (2005), Daniele Barros/UFPE (2007), Lucia Carpena/UFRGS (2007), Patrícia Michelini/UFRJ (2017) e David Castelo/UFG (2018). Para além da titulação, os PPGs em Práticas Interpretativas exigem que seus docentes tenham atuação artística e produzam conhecimento sob forma de apresentação de trabalhos, publicação de artigos e livros, participação em eventos da sua área e interação com seus pares. Com a devida titulação, que obtive através do Doutorado concluído na UNICAMP em 2007, associada a uma produção artística e acadêmica consistente, passou a ser possível pleitear a criação do mestrado “em flauta doce” na UFRGS.

Por fim, a terceira condição para a criação do mestrado foi sua inclusão no planejamento estratégico do PPGMUS-UFRGS. Este planejamento é resultado de uma política de longo prazo do PPG, com estratégia mista, de consolidação, inovação e crescimento em nível nacional e internacional no cenário da pós-graduação brasileira¹⁶.

Desde novembro de 2016 eu era docente colaboradora do Programa de Pós-graduação em Música da UFRGS (PPGMUS-UFRGS), vinha participando de bancas de mestrado e doutorado e ministrando disciplinas como Música de Câmara e Tópicos Especiais ligados à música antiga. Era chegada a hora de atender uma demanda histórica da área da flauta doce no Brasil, que levou inúmeros flautistas

¹⁵ Esta foi a condição que me levou, em 1992, ao mestrado em flauta doce na Staatliche Hochschule für Musik und Darstellende Kunst Stuttgart, na classe de Hans-Joachim Fuss. Aliás, fui a primeira aluna do mestrado em flauta doce da escola, mestrado este que, naquela época anterior ao Protocolo de Bolonha, ainda se chamava Künstlerische Ausbildung (Formação Artística).

¹⁶ Para saber mais sobre a criação do mestrado sugiro a entrevista concedida ao flautista Alfredo Zaine, no canal LabFlauta. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=v_TH18Rpu2k&ab_channel=lab.flauta.





doces a saírem do país para poder estudar (como eu e colegas da minha geração). Outros tantos, que não puderam ou não quiseram sair, acabaram por realizar mestrado e doutorado em áreas como Educação Musical e Musicologia, em busca da almejada titulação. Tal como na época da criação do Bacharelado em flauta doce, eu queria que os flautistas doces brasileiros pudessem escolher seu caminho, ao invés de ter que se sujeitar às possibilidades disponíveis.

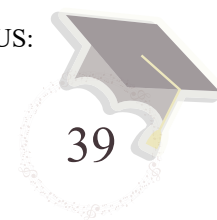
Enfim, em 2017, o PPGMUS-UFRGS, primeiro programa de pós-graduação em Música da região Sul e único programa de pós-graduação na área de Artes nota 7 da CAPES, mais uma vez mostrou seu protagonismo e aprovou a inclusão da flauta doce como opção no Mestrado em Música - Práticas Interpretativas. Era o tão sonhado “mestrado em flauta doce”, o primeiro do Brasil! No ano seguinte recebi meu primeiro orientando, José Antonio Rodríguez Martínez, vindo do Uruguai. Desde então, já orientei seis mestres e no momento tenho uma mestranda. São alunos de todo o Brasil, de Belém (Acácio Cardoso), Porto Alegre (Keliezy Severo e Letícia Arnold), Recife (Lucas Barbosa e Roberto Dutra) e São Paulo (Walkiria Morato) e um aluno uruguaio (José Rodríguez Martínez).

Nosso mestrado em Práticas Interpretativas é um mestrado acadêmico com duração de dois anos e obedece ao documento de área produzido pela CAPES¹⁷. Além das disciplinas obrigatórias e eletivas, os alunos recebem orientação artística (aulas individuais semanais visando a realização de dois recitais obrigatórios) e orientação acadêmica (para condução da pesquisa, escrita e defesa da dissertação ao final do curso)¹⁸. Além da orientação artística, faço também a orientação acadêmica de quase todos os alunos de flauta doce.

A escolha do repertório dos dois recitais e do tema da pesquisa parte sempre do interesse do aluno, que é alguém que completou a graduação, já tem um percurso com a flauta doce, tem clareza sobre o que gostaria de estudar em profundidade durante os dois anos do mestrado. A partir deste desejo avaliamos as minhas possibilidades de atender o interesse do aluno, seja no repertório, seja na pesquisa. Neste ponto é muito importante saber reconhecer nossas capacidades e competências, assim como limites, com a consciência de que ninguém sabe tudo. Do mesmo modo, é importante saber quais as condições que o Programa oferece, saber se elas atendem o interesse

¹⁷ Ver mais em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/Criterios_APCN_Artes.pdf.

¹⁸ Para mais informações sobre o Programa, processo seletivo, docentes, consultar a página do PPGMUS: <https://www.ufrgs.br/ppgmusica/>.





do aluno. Por isso que, do meu ponto de vista, uma das perguntas mais importantes a se fazer na entrevista de seleção é: o que o candidato está buscando com o mestrado? Temos condições de atender esta expectativa?

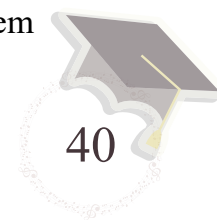
No que tange à pesquisa, usamos palavras-chave para orientar a pesquisa: compreender, elucidar, estabelecer, investigar. Também é importante perguntar qual sua contribuição para a área das Práticas Interpretativas. Afinal, a pesquisa precisa produzir conhecimento sobre o processo, precisa demonstrar o que o aluno aprendeu com o processo. Até o momento, as pesquisas desenvolvidas no mestrado da UFRGS envolvem temas relacionados à flauta doce e seu repertório (gêneros, técnica, estilo, idiomatismo, tratadística, metodologia e arranjos), como se vê abaixo:

- Técnicas estendidas no repertório uruguaio dos séculos XX e XXI (José Rodríguez, 2020);
- O idiomatismo da flauta doce a partir da percepção de flautistas e professores do instrumento (Acácio Cardoso, 2021);
- O “tocar fantasioso” - Análise das Recercadas de Diego Ortiz sobre o madrigal *O felici occhi miei* à luz do Tratado de Glosas (1553), do próprio Ortiz (Walkiria Morato, 2021);
- Tem choro sim! Apontamentos sobre características idiomáticas dos choros originais para flauta doce (Lucas Barbosa, conclusão prevista para 2023);
- Ychepe Flauta - Possibilidades do uso da flauta doce na performance do repertório latino-americano missional a partir da experiência nas missões de Chiquitos (1650–1750) (Roberto Dutra, conclusão prevista para 2023); e
- Em busca de uma ampliação do repertório brasileiro para flauta doce e piano: o processo de elaboração de arranjo inédito de O Gemededor, de Gilvan Chaves (1923-1986) (Letícia Arnold, 2023. Orientação acadêmica: Prof. Dr. Daniel Wolff).

Como se vê, as pesquisas contemplam um amplo espectro de temas, tendo por denominador comum a flauta doce e seu repertório.

6 CONCLUINDO COM MAIS UMA NOVIDADE

Na época da realização do *I Fórum Flauta Doce e Ensino Superior* estava em curso mais uma conquista do longo caminho percorrido pela flauta doce brasileira. Finalizando o ano de 2022, anunciamos com alegria a criação do Doutorado em





Música - Práticas Interpretativas – Flauta Doce, o primeiro do Brasil! A primeira seleção ocorreu em 2022 e hoje temos nosso primeiro doutorando, José Rodríguez Martínez, egresso de nosso PPG e tenho muito orgulho de anunciar que finalmente conquistamos a possibilidade de fazer no Brasil todo o ciclo formativo em nosso instrumento.

Agradeço imensamente ao meu colega Antônio Chagas pelo convite para falar da pós-graduação em flauta doce da UFRGS, dividindo com outros flautistas e professores de flauta doce minha satisfação. A flauta doce brasileira tem um longo e virtuoso percurso, construído a muitas mãos, e temos muito a comemorar, muito a planejar. Vida longa para a flauta doce brasileira!

REFERÊNCIAS

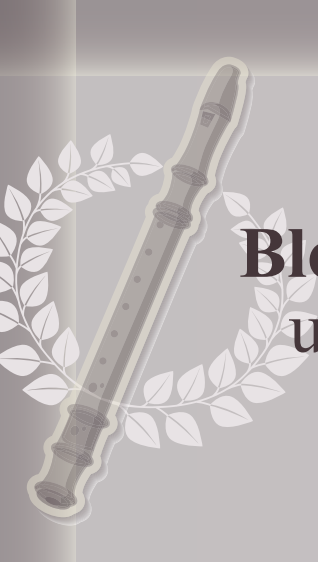
AGUILAR, Patrícia Michelini. **A flauta doce no Brasil** – da chegada dos jesuítas à década de 1970. 2017. Tese (Doutorado em Musicologia) – Programa de Pós-Graduação em Música, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27157/tde-31102017-151628/pt-br.php>. Acesso em: 15 ago. 2023.

CARDOSO, Acácio Tavares. **Investigando o conceito de idiomatismo da flauta doce a partir do ponto de vista de flautistas e professores do instrumento**. 2021. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/230854>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MARTÍNEZ, José Antonio Rodríguez. **Técnicas estendidas no repertório uruguaio para flauta doce nos séculos XX e XXI**. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/214302>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MORATO, Walkiria. **Análise das recercadas de Diego Ortiz sobre o madrigal O Felici Occhi Miei à luz do Tratado de Glosas (1553), do próprio Ortiz**. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/230331>. Acesso em: 15 ago. 2023.





Bloco & Bisel: a flauta docena extensão universitária e suas articulações com o ensino e a pesquisa¹⁹

Paula Andrade Callegari²⁰

1 A FLAUTA DOCE E O CURSO DE MÚSICA DA UFU

O Curso de Graduação em Música foi criado em 1957 como o primeiro curso superior de Uberlândia (MG) e, desde 1967, a flauta doce é uma de suas opções de instrumento (ALFONSO, 2017). Com a criação do Curso de Artes Plásticas, em 1968, ambos formaram a Faculdade de Artes que, posteriormente, se juntou a outras faculdades para formar a Universidade Federal de Uberlândia (1978).

De acordo com o Projeto Pedagógico, o Curso de Graduação em Música atualmente possui as modalidades Licenciatura e Bacharelado. Ele é ministrado em turno integral, com duração média de 04 anos e ambas as modalidades compartilham as 25 vagas que são ofertadas a cada semestre. O processo seletivo exige uma Certificação em Habilidades Específicas (CHE)²¹ e o ingresso se dá via ENEM²², Vestibular UFU, Portador de Diploma ou Transferência. Os componentes curriculares estão estruturados em dois grandes percursos: o Percurso de Formação Geral é composto de disciplinas obrigatórias e optativas que todos(as) os(as) graduandos(as) devem cumprir e inclui os eixos básicos da formação do músico, oficina de projetos, estágio supervisionado, Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e atividades acadêmicas complementares; e o Percurso de Formação Específica é formado por disciplinas obrigatórias e optativas que são específicas do canto, da música popular ou de um dos 11 instrumentos²³ que o(a) estudante escolhe quando realiza o processo seletivo de Certificação em

¹⁹ Palestra apresentada na mesa “Flauta Doce e Projetos de Extensão no Ensino Superior” do “I Fórum Flauta Doce e Ensino Superior” da Universidade Federal do Cariri, em 08 de junho de 2022.

²⁰ Universidade Federal de Uberlândia, E-mail: paulacallegari@ufu.br

²¹ Informações sobre a Certificação em Habilidades Específicas estão disponíveis em: www.portalselecao.ufu.br na aba “Certificação”.

²² Exame Nacional do Ensino Médio.

²³ Flauta doce, flauta transversal, percussão, piano, saxofone, trombone, trompete, viola, violão, violino ou violoncelo.



Habilidades Específicas. O Percurso de Formação Específica em flauta doce possui os componentes curriculares Prática Musical, Flauta Doce I a VII, Técnica da Flauta Doce I e II, Literatura da Flauta Doce I e II, Metodologia do Ensino e Aprendizagem da Flauta Doce I e II e Leitura à 1ª vista – flauta doce. Além disso, o instrumento é uma opção nas disciplinas Prática Instrumental para a Educação Musical I, II e III, que fazem parte da matriz curricular da Licenciatura em Música. O intuito delas é que o estudante experimente um instrumento diferente daquele de seu percurso específico, com a possibilidade de escolher entre flauta doce, violão ou percussão, sendo que duas delas são de caráter obrigatório e a outra é optativa. A opção pela Licenciatura ou Bacharelado é realizada pelo(a) estudante junto à Coordenação de Curso, ao final do primeiro período em data especificada no Calendário Acadêmico.

A graduação em Música é norteada por princípios como a articulação entre teoria e prática, a contextualização e a criticidade do conhecimento, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, a flexibilização curricular, a interdisciplinaridade, o rigor no trato teórico-prático, histórico e metodológico no processo de elaboração e socialização dos conhecimentos, a ética como orientadora das ações educativas, a ênfase na performance/criação/apreciação musicais, e a avaliação como prática de ressignificação na forma de organização do trabalho docente e de aperfeiçoamento do projeto pedagógico do curso (UFU, 2018). O intuito é oferecer um amplo leque formativo que habilite o(a) egresso(a) para atuar profissionalmente como intérprete solista e/ ou em grupos musicais, realizar pesquisa nas várias vertentes da área de Música, utilizar tecnologias musicais, atuar como professor(a) na rede pública e privada e em projetos sociais, e realizar a produção de eventos culturais e musicais²⁴.

A partir de 2015, o curso passou a oferecer também o Mestrado em Música, em um programa de viés acadêmico que tem o objetivo de qualificar profissionais para realizar pesquisas em âmbito científico e artístico, produzir e difundir conhecimento e atuar no ensino e demais atividades ligadas à área de Música²⁵.

²⁴ Disponível em: <http://www.iarte.ufu.br/música>. Acesso em: 01 dez. 2022.

²⁵ Disponível em: <http://www.ppgmu.iarte.ufu.br>. Acesso em: 01 dez. 2022.





2 O GRUPO DE FLAUTA DOCE DA UFU²⁶

O Grupo de Flauta Doce da UFU é formado por estudantes do percurso de formação específica em flauta doce (Licenciatura e Bacharelado) do Curso de Música da UFU que são encorajados(as) a participar de suas atividades e projetos desde o primeiro até o último semestre da graduação, sem a necessidade de uma seleção específica, de modo que todos(as) os(as) alunos(as) de flauta doce convivem e tocam juntos(as) no Grupo. Eventualmente, conta com a colaboração de flautistas que possuem outros tipos de vínculo com a Universidade²⁷. Ele foi criado em 2007 visando a complementação dos conteúdos das disciplinas da grade curricular da graduação, especialmente os relacionados a questões históricas e ao repertório do instrumento, e foi motivado pela compreensão de que a prática musical em um conjunto formado exclusivamente por flautas doces é uma experiência relevante para a formação musical, instrumental e docente de estudantes das duas modalidades do curso de flauta doce.

Desde que começou suas atividades, o Grupo caracteriza-se como um laboratório de pesquisa que possibilita aos(as) estudantes experimentar a prática musical em diversos tipos de conjuntos de flautas doces e, ao mesmo tempo, difundir na comunidade os trabalhos acadêmicos e a música criada para essa variada formação instrumental em diferentes formatos de apresentações públicas. O trabalho realizado possui similaridades com a disciplina Prática de Conjunto e propicia o desenvolvimento de habilidades físicas, perceptivas e emotivas intrínsecas à prática musical em grupo (UFU, 2018), configurando-se como um contexto social de aprendizagem que estimula a ajuda mútua entre os(as) participantes e fortalece a individualidade de cada membro no grupo. Isso contribui para a consolidação da interação social, prontidão, dinamismo pessoal, julgamento e pensamento crítico (MORAES, 1997), bem como a experiência de palco e o contato com o público.

O repertório é variado, incluindo tanto música erudita quanto popular, de diferentes gêneros, estilos, formas e períodos, e busca explorar todas as possíveis

²⁶ Parte dos relatos presentes nessa seção foram previamente apresentados no formato de comunicação oral em eventos da área de Música e estão disponíveis para consulta em Caetano e Callegari (2014) e Callegari (2012).

²⁷ Agradecemos às flautistas Beatriz de Macedo Oliveira e Aline Macedo Queiroz que contribuíram com o Grupo de Flauta Doce da UFU no ano de 2010, vinculadas, à época, ao Mestrado em Artes e à Graduação em Arquitetura, respectivamente. Agradecemos também ao flautista Cesar Villavicencio, pesquisador de Pós-Doutorado junto ao programa de Pós-Graduação em Música da UFU, que colabora com o Grupo desde o início de 2022.



combinações e tamanhos de instrumentos que integram a família da flauta doce. Com base no repertório selecionado, são trabalhados conceitos da linguagem musical e da técnica instrumental no contexto específico da escrita para conjunto de flautas doces, o que auxilia na ampliação do conhecimento de repertório do instrumento e ajuda a criar referências de escuta musical.

Inicialmente, o Grupo era vinculado à disciplina Prática de Conjunto, depois adquiriu características de projeto de ensino-extensão e, posteriormente, também passou a ter articulação com diversos projetos de pesquisa. Em função disso, concordamos com Weiland e Weichselbaum (2008), que é preciso considerar os desafios de proporcionar uma prática musical que dialogue com a realidade dos(as) alunos(as), firmando com eles(as) uma postura de comprometimento social. Nesse sentido, entendemos que as ações do Grupo de Flauta Doce da UFU estão alinhadas com os princípios e fundamentos que nortearam a reforma curricular que culminou no atual Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Música, ancorados em concepções teóricas e reflexões acerca da validação histórica, social, temporal e espacial dos conhecimentos construídos e selecionados, conforme Apple (2001, 2006), no desenvolvimento em grupo de significados sobre a produção social do conhecimento musical, consoante com Giroux (1997), bem como relativas à necessidade de engajamento de professores(as) e estudantes tanto nas ações políticas quanto de conteúdo, de acordo com Connell (1995 *apud* UFU, 2018).

Desde o início, o Grupo de Flauta Doce da UFU participou e/ ou esteve envolvido na organização de importantes eventos e projetos realizados pelo Curso de Música e, especificamente, pelo curso de flauta doce. Para mencionar apenas algumas dessas ações, destacamos a IV Semana da Música da UFU (2007), na qual o Grupo realizou um concerto que apresentou integralmente a obra para flauta doce do compositor Calimerio Soares²⁸; o II ENFLAMA (2009), um encontro nacional realizado na UFU, que reuniu flautistas doces de todas as regiões do país; duas edições do Colóquio Internacional UFU/ UEVORA (2010 e 2011), que fortaleceu o intercâmbio entre a UFU e a Universidade de Évora²⁹; e três edições do projeto CO-

²⁸ Compositor, pianista, cravista e organista, Calimerio Soares (1944-2011) participou da consolidação do Curso de Música da Universidade Federal de Uberlândia, onde foi docente até 2001 e responsável pelo curso de flauta doce. Doutor em Música (Composição) pela Universidade de Leeds, Inglaterra, seu catálogo contém cerca de 70 obras, das quais 07 são dedicadas à flauta doce.

²⁹ Nos anos de 2010 e 2011 duas estudantes do percurso específico flauta doce foram selecionadas em edital interno de intercâmbio da UFU para cursar um ano letivo na Universidade de Évora, sob orientação do prof. António Carrilho, nosso convidado nas duas edições do Colóquio.



LABOR: AÇÃO! (2010 a 2012), em parceria com o flautista Cesar Villavicencio. Apesar de serem iniciativas distintas, todas tiveram o objetivo comum de aprofundar os conhecimentos e habilidades de graduandos(as) em flauta doce e proporcionar-lhes maior familiaridade com questões interpretativas e de pesquisa em música, a partir do contato da comunidade universitária com as experiências artísticas e acadêmicas de cada convidado(a). Como forma de difusão dessas ações e de seus resultados para a sociedade, todas elas contaram com a realização de concertos em espaços culturais da cidade de Uberlândia, abertos gratuitamente ao público.

A partir da realização desses eventos, que aconteciam de forma pontual, e do pleno engajamento dos(as) estudantes em sua grade de programação, que concentrava todas as atividades em uma semana, houve um planejamento de outros projetos, em conjunto com os(as) estudantes, e foi possível organizar ações anuais específicas do Grupo de Flauta Doce da UFU, conforme descrito a seguir:

- Turnê Minas Gerais (2010): série de seis concertos apresentados em escolas de música de cinco cidades do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (MG);
- *Recordari* (2012 e 2013): ciclo de quatro concertos temáticos de flauta doce apresentados em diferentes espaços culturais da cidade de Uberlândia no ano de 2012. O projeto se desdobrou na realização de uma série de sete concertos do Grupo de Flauta Doce da UFU apresentados no ano de 2013 em cidades dos estados de Minas Gerais e Goiás, com um repertório que reuniu músicas presentes em cada um daqueles quatro programas temáticos. Durante o primeiro concerto dessa série houve o lançamento de uma exposição do fotógrafo Joabe Romed, que ficou em cartaz na Galeria de Arte do Espaço Cultural do Mercado Municipal de Uberlândia durante o mês de abril/ 2013, em comemoração aos 05 anos do Grupo de Flauta Doce da UFU.



Figura 1 - Grupo de Flauta Doce da UFU: exposição do projeto *Recordari 2013*



Fonte: Joabe Romed (acervo pessoal, 2013).

Além dos projetos mencionados acima, de caráter tipicamente extensionista, destacamos outros dois vinculados também com a pesquisa acadêmica:

- *Música contemporânea*: aprendizagem das técnicas estendidas da flauta doce: trabalho de conclusão de curso desenvolvido pela discente Janaína Nóbrega (2012), que contou com a participação do Grupo de Flauta Doce da UFU para o estudo de técnicas específicas da música contemporânea para flauta doce, a partir de um repertório constituído de solos, duos e um quarteto de flautas doces. Além da aprendizagem dessas técnicas e da redação da monografia, o trabalho resultou em vários concertos e recitais que apresentaram esse repertório ou parte dele.
- *Brasileirinho*³⁰ (2013-2014): temporada de concertos didáticos apresentada pelo Grupo de Flauta Doce da UFU a partir do levantamento de repertório erudito brasileiro para conjunto de flautas doces. O programa contou com a seleção de onze obras de oito compositores, intercaladas por comentários especialmente preparados para estudantes e dirigentes de escolas públicas e centros de formação da cidade de Uberlândia, cujo público totalizou cerca de 250 pessoas (CAETANO; CALLEGARI, 2014).

³⁰ Agradecemos à Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) da Universidade Federal de Uberlândia pelo apoio concedido ao projeto *Brasileirinho* no âmbito do PEIC 2013.



Figura 2 - Brasileirinho: concerto didático do Grupo de Flauta Doce da UFU



Fonte: Tayline Souza (acervo pessoal).

Todos esses projetos deram aos(as) integrantes do Grupo de Flauta Doce da UFU a oportunidade de se apresentar publicamente, contribuindo para sua formação docente e profissional, tanto por meio da prática da performance e da escuta musical, quanto da organização de apresentações públicas e, assim, possibilitaram a divulgação da produção musical do Grupo e o contato com escolas regulares e de música da região, em cidades de onde tradicionalmente advêm os(as) estudantes do Curso de Música da UFU. Na avaliação dos(as) participantes, o Grupo possibilita um contato mais frequente com os diversos tamanhos de flauta, permite o aprofundamento de conceitos e a prática de técnicas trabalhadas em todas as disciplinas vinculadas à flauta doce e, desse modo, colabora para a ampliação do conhecimento e familiaridade com o repertório da flauta doce, bem como para o aumento da maturidade interpretativa e musical. Além disso, o Grupo configura-se como um importante espaço para a realização de monitoria e de etapas da metodologia de pesquisas de conclusão de curso e de iniciação científica. Diante disso, acreditamos que o Grupo de Flauta Doce da UFU oferece uma valiosa contribuição para a formação musical, docente e profissional de seus(suas) participantes.

3 BLOCO & BISEL E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A partir das experiências relatadas acima e como forma de congregar todas as ações desenvolvidas em torno da flauta doce no Curso de Música da UFU, o Bloco & Bisel



caracteriza-se como um amplo projeto que objetiva promover a educação musical e difundir a flauta doce a partir de três eixos de atuação. O primeiro é focado na formação de crianças, adolescentes e jovens, formação continuada de professores e formação de público. O segundo é dedicado à produção artística, por meio da preparação e apresentação pública de diversos formatos de concertos de flauta doce, bem como de gravações fonográficas e audiovisual. E o terceiro concentra-se na publicação de livros, partituras, textos acadêmicos e informativos e de um banco de dados acerca da flauta doce.

Embora a flauta doce seja oferecida pelo Curso de Música da UFU há mais de cinquenta anos e seja amplamente difundida em ações de educação musical em todo o território nacional, poderíamos dizer que existe um desconhecimento generalizado sobre o instrumento, sua utilização na atuação profissional em música, seu repertório e suas possibilidades expressivas. Nesse sentido, o Bloco & Bisel se justifica pela necessidade de desenvolver projetos que contribuam para aumentar a qualidade da formação dos(as) graduandos(as) e, ao mesmo tempo, de divulgar os resultados de trabalhos do curso de flauta doce do Instituto de Artes da UFU, colaborando tanto para a formação de público quanto para a formação musical e flautística de crianças, jovens e adultos. Se justifica também frente à demanda por cooperações interinstitucionais, notadamente com a rede de conservatórios estaduais mineiros, escolas municipais de música do Triângulo Mineiro e projetos sociais e ONGs, na qual a flauta doce possui franco protagonismo como instrumento utilizado nos anos iniciais da educação musical. Além disso, o Bloco & Bisel se justifica por oportunizar o diálogo e estimular a troca de experiências entre a comunidade de flautistas doces de diferentes regiões do Brasil e do exterior, auxiliando na qualificação de profissionais e de estudantes em diferentes estágios de formação.

Para isso, o Bloco & Bisel é ancorado no tripé de atuação da universidade pública brasileira e resulta da avaliação das atividades desenvolvidas em todos os componentes curriculares do percurso específico flauta doce, dos diversos projetos de extensão que realizamos até 2015, de forma mais ou menos isolada e, mais recentemente, de nossa pesquisa acadêmica³¹ e das investigações desenvolvidas em trabalhos de conclusão de curso e de iniciação científica³². Dessa forma, possui forte identificação com a Extensão Universitária, tal como definida no art. 148 do Regimento Geral da UFU³³, pois caracteriza-se como um

³¹ A pesquisa “Bloco & Bisel: as virtudes retóricas, a formação do músico e a prática da flauta doce nos tratados musicais do século XVI” é um desdobramento da tese “As virtudes retóricas em *Le istituzioni harmoniche* (1558) de Gioseffo Zarlino” (CALLEGARI, 2019) e possui apoio e/ou financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

³² As pesquisas são desenvolvidas com apoio e/ou financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

³³ Disponível em: http://www0.ufu.br/documentos/legislacao/Regimento_Geral_da_UFU.pdf. Acesso em: 25 abr. 2023.





projeto cujas ações se desenvolvem indissociavelmente com o ensino e a pesquisa e buscam “intensificar relações transformadoras entre a UFU e a sociedade, por meio de processo educativo, cultural, científico [...]”. Nesse sentido, é fundamentado nas diretrizes que regem as práticas extensionistas da UFU, a saber:

I – a **interação dialógica** da comunidade acadêmica com a sociedade por meio da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões complexas contemporâneas presentes no contexto social;

II – a **formação cidadã dos estudantes**, marcada e constituída pela vivência dos seus conhecimentos, que, de modo interprofissional e interdisciplinar, seja valorizada e integrada à matriz curricular;

III – a **produção de mudanças na própria instituição superior e nos demais setores da sociedade**, a partir da construção e aplicação de conhecimentos, bem como por outras atividades acadêmicas e sociais;

IV – a **articulação entre ensino/extensão/pesquisa**, ancorada em processo pedagógico único, interdisciplinar, político educacional, cultural, científico e tecnológico³⁴.

Dessa forma, poderíamos dizer que o Bloco & Bisel, por meio de suas diversas ações, está alinhado com a Rede de Extensão da UFU, favorecendo a criação de um fluxo bidirecional para a troca de saberes entre a comunidade acadêmica e a sociedade. Todas essas ações são articuladas entre si e são delineadas de forma a contemplar um ou mais eixos de atuação do projeto.

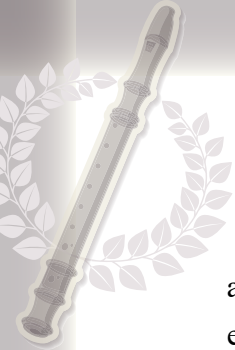
Sua primeira ação, ocorrida em 2021, foi a produção de um festival de flauta doce organizado em formato remoto, cuja programação incluiu palestra, 06 seções de *master class* e um concerto de flauta doce³⁵, com carga horária total de 30 horas. Essas atividades foram definidas a partir das demandas identificadas em uma série de reuniões virtuais realizadas com professores(as) de todos os conservatórios estaduais de Minas Gerais. A partir delas e considerando as avaliações positivas que recebemos do primeiro festival, realizamos em 2022 o 2º Festival Bloco & Bisel³⁶ repetindo as atividades da primeira edição, com a diferença que foram realizadas presencialmente na UFU, e com o acréscimo de uma mesa redonda, em formato remoto, e a circulação de parte dessas atividades pelos conservatórios de Ituiutaba e Uberaba (MG)³⁷.

³⁴ Disponível em: <http://www.proexc.ufu.br/direc>. Acesso em: 18 abr. 2023. Grifos no original.

³⁵ Em função das medidas de isolamento social de enfrentamento à pandemia de Covid-19, o encerramento da primeira edição do Bloco & Bisel foi realizado com um concerto virtual. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-Nk_eI0Lvgk&t=9s. Acesso em: 20 abr. 2023.

³⁶ Novamente, agradecemos à Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) da Universidade Federal de Uberlândia, no âmbito do PEIC 2022, e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo apoio concedido ao Bloco & Bisel.

³⁷ Agradecemos às equipes de flauta doce e à direção do Conservatório Estadual de Música Cora Pavan Capparelli (Uberlândia, MG), do Conservatório Estadual de Música Dr. José Zóccoli de Andrade (Ituiutaba, MG) e do Conservatório Estadual de Música Renato Frateschi (Uberaba, MG) pela parceria e acolhida ao Bloco & Bisel.



Cada edição do festival contou com a participação de mais de 250 inscritos, de todas as regiões do Brasil, com destaque para o pleno envolvimento da equipe de professores(as) e estudantes do ciclo complementar e do curso técnico em flauta doce dos três conservatórios envolvidos. Em âmbito interno, os festivais contaram com o engajamento dos(as) estudantes de flauta doce e da bolsista de extensão³⁸ em todas as suas etapas, o que inclui a elaboração do projeto, a definição da grade de programação com as datas e locais de cada atividade, acompanhamento das inscrições dos(as) participantes, a preparação de apresentações artísticas, a avaliação do projeto, o planejamento de suas próximas edições e a emissão de certificados dos participantes. Dessa forma, acreditamos que a contribuição do festival para a formação dos(as) graduandos(as) extrapola as questões musicais e técnico-instrumentais e abrange também a produção cultural, que pode ser uma das áreas de atuação profissional do(da) egresso(a) em Música.

A segunda ação desenvolvida no âmbito do Bloco & Bisel foi um minicurso de flauta doce realizado nos meses de junho e julho de 2022 no conservatório de Uberlândia, em 04 encontros de uma hora e meia cada, destinado a cerca de 20 crianças dos ciclos inicial e intermediário (faixa etária de 06 a 08 anos), com foco em atividades de criação musical, seja em práticas de improvisação, composição ou elaboração de arranjos. O minicurso esteve vinculado à disciplina Metodologia do Ensino e Aprendizagem da Flauta Doce I³⁹ e, por isso, o planejamento das atividades foi articulado com a ementa e com o programa da disciplina que abrange, entre outros tópicos, estratégias e possibilidades metodológicas no ensino-aprendizagem da flauta doce, a flauta doce como mediadora da aquisição da linguagem musical, os métodos de flauta doce (incluindo pesquisa, execução e reflexão sobre o material já produzido na área) e seu uso no contexto de iniciação musical.

Em função disso, a condução do minicurso foi norteadada, principalmente, por quatro pressupostos metodológicos⁴⁰: a) os princípios do ensino do instrumento em grupo (SWANWICK, 1994; MORAES, 1997); b) a elaboração de propostas criativas e de aproximação à linguagem musical contemporânea (FREIXEDAS, 2015; WEILAND; SASSE; WEICHSELBAUM, 2008; BEINEKE, 2004, 2003); c) o modelo (T)EC(L)A (SWANWICK, 1979); e d) os significados inerentes e delineados da experiência musical (GREEN, 1988). A partir desse enquadramento teórico-metodológico, as atividades incluíram vivências e músicas com as quais as crianças

³⁸ Agradecemos as contribuições do discente Carlos Augusto Vieira Lisboa, monitor da primeira edição do projeto, e à discente Marcella Medeiros Spacek, bolsista de extensão, via PEIC 2022, no 2º Festival Bloco & Bisel.

³⁹ O minicurso foi ministrado por Morleno Rodrigues de Souza Júnior e Anna Luiza Santos Botelho, discentes da referida disciplina, sob nossa orientação.

⁴⁰ Uma síntese desses pressupostos metodológicos e outros exemplos de sua articulação em propostas de ensino-aprendizagem musical e da flauta doce estão disponíveis nos seguintes relatos: Callegari (2022, 2012, 2008, 2006).

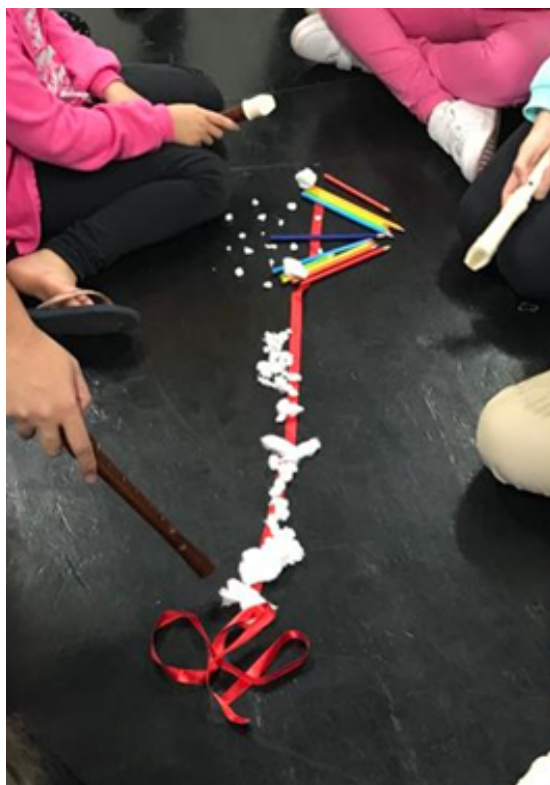




já possuíam familiaridade e outras, articuladas a elas, mais desconhecidas. Para citar alguns exemplos:

- Apresentação da família da flauta doce, com exemplos musicais tocados ao vivo nos diferentes tamanhos de flauta que tínhamos à disposição, bem como em vídeos disponíveis no YouTube;
- Canção de cumprimento que iniciou todos os encontros do minicurso e foi utilizada tanto para a apresentação e saudação dos(as) ministrantes e participantes, quanto para a exploração de técnicas estendidas da flauta doce;
- Execução da peça “A chuvinha cai” (AKOSCHKY; VIDELA, 1985, p. 23), que foi tocada por imitação e de memória, foi analisada com os(as) participantes e serviu de base para exercícios de improvisação no formato *tutti* e *solo* (empregando as notas da melodia) (FREIXEDAS, 2015), bem como para a criação coletiva de arranjos com as técnicas estendidas exploradas na canção de cumprimento e ensinada e praticada pelos(as) demais participantes e seus respectivos registros com materiais diversos, tais como fita de cetim, bolas de algodão e lápis coloridos (FREIXEDAS, 2015).

Figura 3 - Registro com materiais diversos: composição coletiva I



Fonte: Anna Luiza Santos Botelho (acervo pessoal).

Figura 4 - Registro com materiais diversos: composição coletiva II



Fonte: Anna Luiza Santos Botelho (acervo pessoal).



Dessa forma, reiteramos o alinhamento de todas as ações do Bloco & Bisel com seus eixos de atuação e com a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão universitária, além da vivência prática *in loco* dos conteúdos abordados em diversos componentes curriculares. Acreditamos que ações como esta contribuem para a troca de experiências entre a comunidade acadêmica e a sociedade, a promoção de outras formas de ensinar e aprender música/ flauta doce e possibilitam a formação de diferentes competências e saberes que podem renovar os conhecimentos institucionalizados e nossa matriz curricular.

Finalmente, o projeto segue, em 2023, com a participação de bolsistas de Iniciação Científica da graduação e do Ensino Médio, o que acreditamos poderá fortalecer seu caráter acadêmico-científico. Além disso, encontramos-nos atualmente em fase de preparação de um ciclo de concertos didáticos do Grupo de Flauta Doce da UFU e de produção do 3º Festival Bloco & Bisel.

REFERÊNCIAS

AKOSCHKY, Judith; VIDELA, Mario. **Iniciação à flauta doce**. São Paulo: Ricordi, 1985.

ALFONSO, Sandra Mara. **O violão, da marginalidade à academia**: trajetória de Jodacil Damaceno. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2017.

BEINEKE, Viviane. **Flauteando pelos cantos do Brasil**. Florianópolis: [s. n.], 2004.

BEINEKE, Viviane. O ensino de flauta doce na educação fundamental. *In*: HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana (org.) **Ensino de música**: propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Moderna, 2003. p. 86-100.

CAETANO, Marcela Lacerda; CALLEGARI, Paula Andrade. Projeto Brasileirinho: um relato de experiência do Grupo de Flauta Doce da UFU. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 24., 2014, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2014. Disponível em: <https://anppom.org.br/congressos/anais/v24/>. Acesso em: 14 fev. 2023.

CALLEGARI, Paula Andrade. Prática instrumental na licenciatura em Música: reflexões e práticas no ensino coletivo de flauta doce. *In*: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DA ABEM, 13., 2022, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: ABEM – Associação Brasileira de Educação Musical, 2022. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_ersd/v5/papers/1245/public/1245-5383-1-PB.pdf. Acesso em: 20 abr. 2023.

CALLEGARI, Paula Andrade. **As virtudes retóricas em “Le istituzioni harmoniche” (1558) de Gioseffo Zarlino**. 2019. 252 f. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

CALLEGARI, Paula Andrade. Grupo de Flauta Doce da UFU: formação instrumental, docente e profissional. *In*: SEMANA DE EDUCAÇÃO MUSICAL IA-UNESP, 4.; ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DA ABEM, 8., 2012, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: ABEM – Associação Brasileira de Educação Musical, 2012. CD-ROM.

CALLEGARI, Paula Andrade. **A relação indivíduo-música na perspectiva dos significados musicais de Lucy Green**: um estudo de caso em um projeto social. 2008. 139





f. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

CALLEGARI, Paula Andrade. Oficina de flauta doce: uma alternativa para o ensino de música. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 4., 2006, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: ABEM – Associação Brasileira de Educação Musical, 2006. CD-ROM.

FREIXEDAS, **Claudia Maradei**. **Caminhos criativos no ensino da flauta doce**. 2015. 151 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

GREEN, Lucy. **Music on deaf ears: musical meaning, ideology and education**. Manchester: Manchester University Press, 1988.

MORAES, Abel. Ensino instrumental em grupo. **Música Hoje – Revista de Pesquisa Musical**, Belo Horizonte, n. 4, p. 70-76, 1997.

NÓBREGA, Janaína Lima. **Música contemporânea: aprendizagem das técnicas estendidas da flauta doce**. 2012. 134 f. Monografia (Graduação em Música) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

SWANWICK, Keith. Ensino instrumental enquanto ensino de música. Trad. Fausto Borém de Oliveira. **Atravez – Associação Artístico Cultural**, São Paulo, n. 4/5, p. 7-14, nov. 1994. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/ensino-instrumental-enquanto-ensino-de-musica-keith-swanwick-pdf-free.html>. Acesso em: 1 dez. 2022.

SWANWICK, Keith. **A basis for music education**. Tradução de Lília Neves Gonçalves. Windsor: NFER – NELSON, 1979.

UFU. **Projeto Pedagógico do Curso de Música**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2018. Disponível em: <http://www.iarte.ufu.br/m%C3%BAsica/projeto-pedagogico>. Acesso em: 01 dez. 2022.

WEILAND, Renate; SASSE, Ângela; WEICHSELBAUM, Anete Susana. **Sonoridades brasileiras: método para flauta doce soprano**. Curitiba: UFPR, 2018.

WEILAND, Renate; WEICHSELBAUM, Anete Susana. Ensino instrumental – possíveis contribuições a partir do modelo C(L)A(S)P de Swanwick. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 17., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ABEM – Associação Brasileira de Educação Musical, 2008. CD-ROM.



Núcleo de Flauta Doce da UFCA: o recital didático como ferramenta de divulgação da Flauta Doce na região do Cariri

Alice Galdino⁴¹

Antonio Chagas Neto⁴²

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo principal trazer reflexões sobre o recital didático enquanto ferramenta de divulgação da flauta doce através da atuação do Núcleo de Flauta Doce da Universidade Federal do Cariri. Este trabalho é fruto de uma investigação realizada em 2021, com caráter qualitativo, que ocorreu por meio de três fases de coleta de dados, onde a primeira foi uma entrevista semiestruturada feita com membros atuantes e ex-integrantes do Núcleo; a segunda consta da aplicação de um questionário a dois integrantes do núcleo e dois espectadores e, por fim, a terceira fase, a aplicação do mesmo questionário a mais quatro membros integrantes do núcleo e mais quatro pessoas pertencentes ao grupo dos espectadores. Como fundamentação teórica, baseamo-nos em Schindwein (2011), Sampaio (2012), Soares (2014), Rego (2016) e Aguiar (2019) que fazem considerações acerca do recital didático. Como conclusão, o recital didático – na visão dos entrevistados – se mostra como uma metodologia útil para a partilha de conhecimento acerca da flauta doce.

1 INTRODUÇÃO

O Núcleo de Flauta Doce (NFD) é um projeto da Pró-reitoria de Cultura (PROCULT) da Universidade Federal do Cariri, que visa fomentar a flauta doce como instrumento de dupla função (artística e pedagógica) na região do Cariri cearense. O grupo atua desde o ano de 2017 e vem sofrendo mudanças que estão contribuindo para a solidificação de sua identidade. Ao longo dos anos, o Núcleo contou com a constante renovação dos integrantes, o que contribuiu para que em cada momento tivesse uma roupagem diferente.

O surgimento do NFD se deu através dos alunos e alunas entusiastas da flauta doce, que passavam pelas disciplinas Flauta Doce I e II e sentiam uma vontade de adentrar mais profundamente no estudo do instrumento. O professor da disciplina ao ser abordado por essas demandas dos/das estudantes, alimentou sua vontade de dar início a um projeto fomentador da flauta doce. Com essa junção de vontades e apreço pelo instrumento, surgiu o Núcleo de

⁴¹ E-mail: alicesgaldino@gmail.com

⁴² Universidade Federal do Cariri, E-mail: antonio.chagas@ufca.edu.br





Flauta Doce da UFCA, o qual atuava em ações de ensino, pesquisa extensão e cultura.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

No processo de tentar captar os diversos olhares dos integrantes do Núcleo de Flauta Doce, buscando entender qual o papel da individualidade no processo de difusão do conhecimento acerca da flauta doce, e como essas individualidades se unem e formam um todo que trabalha pelo mesmo objetivo, fez-se necessária a utilização de um método de coleta de dados que pudesse me entregar, da maneira mais pura, a visão subjetiva de cada integrante do NFD. Para isso, fizemos uso da entrevista semiestruturada (BONI; QUARESMA, p. 75):

As entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados.

Essas entrevistas ocorreram numa primeira fase e foram feitos três roteiros de entrevista para contemplar os três tipos diferentes de atuação encontrados no NFD, os quais são integrante, bolsista e coordenador. Cada uma dessas funções executa atividades com níveis diferentes dentro do núcleo. O integrante é responsável pelo estudo das peças, da história (da flauta, das peças, do compositor, do período) e por sua participação ativa nos ensaios e apresentações. O bolsista possui as mesmas funções dos integrantes, porém com o acréscimo de cuidado com o material de estudo; organização das pastas; impressão e distribuição de novas partituras; reuniões junto ao coordenador e trabalho de auxílio ao mesmo, além de alimentação das informações nas redes sociais. Já o coordenador, além de exercer as mesmas tarefas dos integrantes, cuida também do agendamento de apresentações, da organização e coordenação dos ensaios, da elaboração das propostas de apresentação junto ao Núcleo, do compartilhamento de saberes e do suporte técnico instrumental prático e teórico.

Como foi perceptível, os três tipos de participação detectadas no núcleo demonstram-se em camadas compositoras do todo que servem para garantir o pleno funcionamento do grupo. Devido a essa particularidade detectada nos aspectos que compõem cada tipo de participação no Núcleo, fez-se necessária a elaboração de três questionários que têm perguntas em comum, mas também, perguntas específicas direcionadas para cada função.

As entrevistas feitas com os integrantes atuantes - no período que correspondeu à



elaboração das entrevistas -, foram gravadas em áudio entre os dias 16 e 23 de setembro de 2019 e transcritas posteriormente para uma melhor análise. Com a pretensão de obter um material que possa descrever de modo mais fiel a realidade do NFD através de todos os seus anos de existência, também buscamos entrevistar ex-membros do núcleo que desenvolveram, anteriormente, a função de bolsista. Ao total, oito pessoas foram entrevistadas, dentre elas, dois são ex-membros do Núcleo. No que se diz respeito aos ex-integrantes, a entrevista se deu por meios diferentes, sendo um através do envio do roteiro de perguntas pelo e-mail que foram respondidas por escrito, e outro através do envio do roteiro pelo WhatsApp⁴³ com as respostas gravadas em áudio.

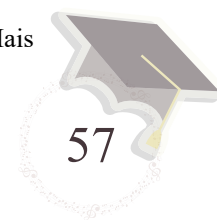
A análise dos dados obtidos na entrevista se deu através da comparação das respostas às questões iguais organizadas em uma tabela, e no decorrer da pesquisa e escrita, sentimos a necessidade de buscar mais informações, portanto elaboramos também questionários que foram aplicados em duas etapas diferentes, totalizando então, três fases de coleta de dados.

Assim, no intuito de compreender a visão dos membros e do público externo acerca do recital didático, fizemos uso de dois questionários abertos que foram elaborados, aplicados e respondidos entre os dias 8 e 11 do mês de junho de 2020. Um dos questionários, com três perguntas, foi destinado aos integrantes abordando, essencialmente, questões acerca do recital didático e o impacto que pode ter ou não na construção do resultado que o NFD visa obter: a difusão da flauta doce, bem como a formação de plateia. O questionário destinado ao público externo possui quatro perguntas que foram direcionadas a captar o efeito do recital didático na plateia. Os questionários foram aplicados a duas pessoas de cada grupo inicialmente.

Após a aplicação do questionário, pareceu importante procurar mais respostas para as mesmas questões com o intuito de obter mais profundidade. Para tanto, fizemos uma nova aplicação dos questionários com mais quatro pessoas pertencentes ao grupo dos espectadores, e mais quatro do grupo dos integrantes, obtendo, assim, seis respostas de cada grupo. A segunda fase de aplicação ocorreu entre o período compreendido entre 06 e 10 de julho de 2020. Com a segunda fase de aplicação, pudemos obter uma visão maior do que o público e os integrantes pensam a respeito do recital didático.

É importante salientar que a pesquisa foi feita com seis espectadores que assistiram ao recital didático em diferentes situações. Dentre os seis pesquisados, dois são estudantes do curso de Licenciatura em Música da UFCA, os demais são estudantes de uma escola estadual onde NFD se apresentou e que possui o ensino de música no currículo.

⁴³ É um aplicativo de troca de mensagens que “oferece um serviço de mensagens e chamadas simples”. Mais informações: <https://www.whatsapp.com/about/>.





3 O RECITAL DIDÁTICO

O recital didático é uma forma de apresentação que vai além do discurso musical. Trabalhos como os de Schlindwein (2011), Sampaio (2012), Soares (2014), Rego (2016) e Aguiar (2019) abordam tal temática e foram utilizados como aporte teórico desta pesquisa.

No recital didático, a fala tem uma grande importância sendo utilizada para aproximar os espectadores dos músicos, bem como para inserir o público no contexto da apresentação musical. Com a fala, faz-se uma relação íntima, direta e facilitada entre músicos, plateia, instrumentos e repertório. Segundo Sampaio (2012, p. 7), o recital didático é uma estratégia para alcançar o público de maneira mais eficaz para a obtenção do aprendizado musical e consequente formação de plateia “que tem por objetivo de envolver o público-alvo diretamente com a música, tornando-o musicalmente mais crítico e mais consciente do fazer musical”. No intuito de definir o que é o recital didático, Soares (2012, p. 406) diz o seguinte:

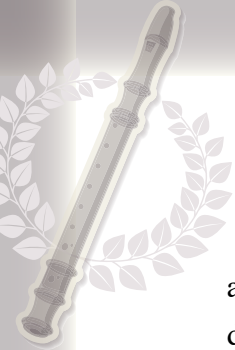
São concertos em que uma tradição, originária de outro tempo e lugar, é apresentada de maneira simples e direta para que ‘rituais’, desenvolvidos em função de necessidades específicas, sejam compreendidos e desmistificados. Desta forma, o acesso a uma expressão cultural não cotidiana pode ser compreendida e apreendida como algo que também venha a fazer parte das opções musicais do público atendido.

Acerca dos concertos didáticos, Soares (2014) faz uma relação com a retórica em que há um orador que tenta, com o seu discurso, convencer o ouvinte. O orador é o músico, e a argumentação, neste caso, é além da fala, e se dá pela apresentação musical também onde “persuadir o auditório através do discurso implica em utilizar a argumentação tão necessária quanto suficiente” (ibidem, p. 301). Pensar o recital didático como uma conversa, constituído de duas partes, é considerar que o orador tem que tornar o seu discurso acessível para que a comunicação seja efetiva.

Se faz muito interessante lembrar que existem outros grupos além do NFD, que se utilizam do recital didático para compartilhar diversos outros aspectos do universo musical, que não a flauta doce. A exemplo, temos, segundo Rego (2016), o trabalho de divulgação da música erudita feito na década de 90 fazendo-se uso desta metodologia:

Os Concertos para a Juventude⁴⁴ com caráter didático, na década de 1990, passam a ser mais frequentes no Brasil a partir das iniciativas das principais orquestras brasileiras, como a Orquestra Sinfônica Brasileira, do Rio de Janeiro, a Orquestra Sinfônica de São Paulo, a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, a Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, cujo principal objetivo era aproximar o grande público supostamente desconhecedor da chamada música clássica (REGO, 2016, p. 101, grifo nosso).

⁴⁴ Concertos para a Juventude é o nome de um programa televisivo exibido pela Rede Globo a partir da década de 70, sob a direção do maestro Edino Krieger e assessoria do maestro Marlos Nobre com apoio da FUNARTE, TVE e MEC.



Como o trabalho que o NFD faz é, além de ofertar ao público uma apresentação artística, levar as possibilidades da flauta doce para aqueles que o assiste, fazer uso do recital didático parece uma boa alternativa. Entretanto, faz-se necessário nos perguntar: o que os integrantes e espectadores acham do recital didático? Em suas perspectivas, o recital didático influencia, de alguma forma, na apreensão dos conteúdos abordados durante a apresentação?

As respostas dos integrantes no que diz respeito à apresentação em formato didático do recital são muito parecidas - o que não é um acontecimento muito espantoso, já que o ambiente do grupo em suas relações interpessoais é muito marcado pelo amor à flauta doce e à vontade de mostrá-la em todo o seu potencial artístico para a sociedade. O NFD é justamente o resultado da união de vontades coincidentes - e defendem o recital como uma boa metodologia. Entretanto, faz-se interessante destacar que apesar de todas as respostas abordarem o público como foco principal da metodologia, em duas respostas identificamos uma visão diferente onde os integrantes falam sobre a importância para a formação profissional do integrante pois “essa essência pedagógica contribui para nós os integrantes e futuros professores”⁴⁵ e “há uma apropriação da música e do instrumento pelos próprios músicos”.

É notável que os integrantes veem o recital didático como uma boa alternativa de atingir o público e estimulá-lo a conhecer a flauta doce. Um ponto a se destacar é a ligação com a educação musical que esse estilo de apresentação possui. Na resposta dada por um dos entrevistados podemos destacar - *ipsis litteris* - a visão de função “educativa ao público que o assiste”. Sobre a educação musical, Sampaio (2012, p. 5) afirma: “A educação musical serve como instrumento de ampliação do conhecimento tanto musical quanto cultural, pois o público envolvido tem contato direto com a música, podendo apreciá-la e torná-la parte do seu universo artístico, estético, simbólico e cultural”.

O recital didático se apresenta como uma ferramenta para a educação musical. Considerando que o objetivo da educação musical, como vimos em Sampaio (2012), é fazer com que o público tenha contato direto com a música e, considerando que o recital didático trabalha para que o público adentre no universo musical através dos assuntos abordados e da performance da apresentação, podemos considerar o recital didático como uma ferramenta para a educação musical.

Podemos ver também o público dos concertos didáticos enquanto construtor ativo do seu aprendizado pois há espaço para que os espectadores perguntem e se aproximem

⁴⁵ Como o curso da UFCA do qual os integrantes fazem parte é o de Licenciatura em Música, geralmente destaca-se o professorado como profissão principal, entretanto, não é uma regra. Estas questões são muito interessantes, mas não serão abordadas nesta pesquisa pois não se relacionam diretamente com o tema principal deste trabalho.



dos instrumentos. Isso aproxima muito o público não só do instrumento, mas também dos músicos. Essa possibilidade de contato direto entre público e músicos também foi muito destacada na fala dos integrantes como uma vantagem que se obtém com o formato recital didático.

3.1 Preparação do Recital Didático do NFD

Os ensaios do Núcleo acontecem uma vez por semana com duração de duas horas. O dia e horário de ensaio é reajustado semestralmente para que possa contemplar todos os integrantes, já que o Núcleo é composto por participantes de semestres variados. Algo que se faz interessante destacar é a preparação que antecede o recital didático. O recital não acontece ao acaso, tudo é previamente organizado do repertório aos assuntos que serão abordados. Além da preparação técnica feita através dos ensaios, são feitas pesquisas acerca das peças a serem tocadas com o intuito de apresentá-las ao público. No decorrer dos ensaios é decidido por quem cada assunto será apresentado.

Depois de uma preparação prévia, o recital acontece em locais como centros culturais, escolas do ensino básico e em eventos da própria Universidade. O núcleo se mantém ativo trabalhando os aspectos técnicos da flauta: técnicas, sopro e afinação através de ensaios em formato de aula, - onde o coordenador e professor de flauta doce trabalham juntamente com os demais integrantes - e através de ensaio de repertório, principalmente. O Núcleo mantém o estudo de um repertório quase fixo para as apresentações que podem surgir. O acréscimo de músicas e a retirada de peças que já compõem o repertório acontecem por meio de votação; quando uma peça já foi tocada um bom número de vezes, naturalmente é substituída por outra que estava sendo trabalhada, mas não foi ao público ainda.

O Núcleo geralmente se apresenta através de convites feitos pelo público externo ou por convites feitos pelos membros para apresentação em escolas que trabalham e, apesar de se apresentar majoritariamente em recitais próprios, o Núcleo também já se apresentou conjuntamente acompanhando uma outra apresentação. Como é o caso da apresentação que fez no Centro Cultural Banco do Nordeste, em Juazeiro do Norte, acompanhando o coral das disciplinas Canto Coral I e III do curso de música da UFCA.



Figura 1 - Núcleo de Flauta Doce e Coral da UFCA



Fonte: Acervo do Núcleo de Flauta Doce da UFCA.

O estilo de apresentação somente artística também é feito pelo núcleo, entretanto, os concertos didáticos vêm sendo a principal forma de atuação do grupo. Trabalhar didaticamente contribui para a formação de plateia durante a consolidação do grupo que ainda é muito novo. Segundo Schlindwein (2011, p. 10):

Busca-se com a formação de plateia promover também o conhecimento musical do público envolvido bem como uma postura de escuta musical crítica. Não é apenas a necessidade de formar espectadores para um espetáculo, mas propiciar um aprimoramento de conhecimentos musicais já pré-existentes e também um contato com outros estilos musicais, como por exemplo, a música instrumental.

Trabalhando a divulgação da flauta e a formação de plateia, o NFD se apresenta em escolas, centros culturais e em eventos utilizando-se do recital didático como metodologia. Apesar de serem situações diferentes em locais diferentes, o recital didático funciona muito bem em todos e busca captar o maior número possível de pessoas das mais diversas vivências e realidades.

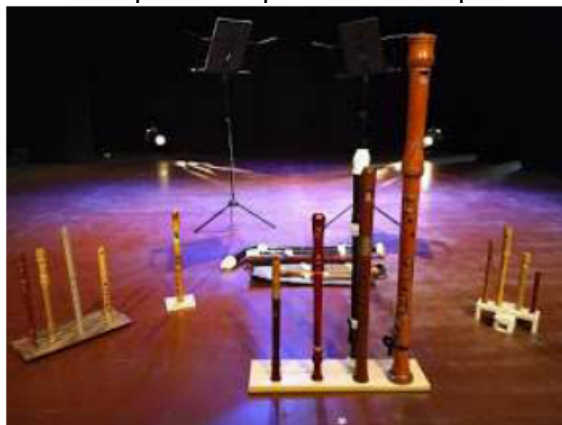
Ao se fazer uso do recital didático em ambiente escolar, buscamos envolver o público que é feito principalmente de estudantes; em eventos e em centros culturais temos um público variado, desde crianças na primeira infância, até idosos. Como o objetivo do Núcleo é apresentar a flauta doce para o maior número de pessoas possível, nunca foi estabelecido um tipo de público dentro de um padrão para assistir às apresentações; o público ideal é todo aquele que se sentir cativado pela flauta e instigado a descobrir as possibilidades sonoras do instrumento.

Sobre o público do NFD, o coordenador do projeto fala que “o público é todo mundo” e ainda sobre a acessibilidade do grupo para os locais de apresentação, é dito que “quem nos chamar e a gente estiver disponível, a gente vai”. Assim, com a disponibilidade de um público tão variado nas mais diversas situações, a apresentação das músicas junto da explicação acerca do instrumento, das peças e dos compositores é utilizada para alcançar o maior número de pessoas.

3.2 Apresentação

Após todo o preparo feito durante os ensaios, é chegada a hora da apresentação. O NFD geralmente abre a apresentação tocando a primeira peça e vai intercalando informações sobre o repertório, flautas e compositores entre as músicas. Em todos os recitais didáticos, é levado um grande número de flautas que, mesmo que não sejam executadas em alguma peça específica, são utilizadas durante os momentos de conversa com a plateia.

Figura 2 - Flautas dispostas no palco durante apresentação do NFD



Fonte: Acervo do Núcleo de Flauta Doce da UFCA.

Terminada a apresentação, o Núcleo permanece no palco para que as pessoas possam se aproximar e ter um contato mais próximo com as flautas e com os integrantes. Nas escolas, a proximidade do público com a flauta é ainda maior e geralmente os alunos são convidados a experimentá-las.

A proximidade entre espectadores e músicos construída através do recital didático permite que o público veja os músicos e os instrumentos como mais acessíveis. A construção de um diálogo direto entre quem está no palco e quem está na plateia através não só de informações passadas para o público, mas também de perguntas não retóricas direcionadas a ele, junto com a descida do palco dos músicos no final da apresentação e/ou da possibilidade de o espectador subir ao palco e perguntar e ver de perto e pegar os instrumentos, torna-se uma facilitadora no processo de difusão dos conhecimentos acerca do instrumento e seu repertório.

No recital, o público é levado a conhecer a história do instrumento e as características dos estilos musicais tocados. Segundo Schlindwein (2011, p. 13), o foco na formação de plateia é que o ouvinte esteja atento ao que acontece nas peças apresentadas e “para que se consiga alcançar esse objetivo deverão ser realizadas atividades que levem o público a refletir sobre o que ouvem”.

O conhecimento do universo musical da flauta através da didática usada no recital, permite aos espectadores uma apreciação mais ativa, pois podem reconhecer os códigos



musicais característicos de cada estilo, bem como também entender o que cada flauta faz dentro do arranjo através da possibilidade de distinguir os timbres.

3.3 O Recital Didático na Visão do Público

Para Aguiar (2019, p. 41), “entende-se por plateia, o fruitor da obra de arte que se compraz com o prazer estético dela imanente”, entretanto, no recital didático, o objetivo é fazer com que o espectador possa - além da experiência estética - imergir no mundo do instrumento visando agregar conhecimentos.

Ao incluir o caráter didático e incentivar a aproximação do público, o Núcleo trabalha buscando prender a atenção e despertar o interesse no que está ocorrendo, convidando-o a ser ativo no seu próprio processo de aprendizagem. A experiência estética inerente ao recital, pode, segundo Aguiar (2019), se dividir em escuta interessada e escuta desinteressada, que por sua vez, ditam como a informação ou experiência vivida vai ser recebida pelo ouvinte:

A apreciação é um ato pleno de escuta musical consciente, e, por outro lado, a escuta musical destituída de ‘interesse’ (intenção) não constituirá de um processo genuíno de apreciação musical pois figurará meramente no plano fisiológico (os ouvidos captam os sons de forma indiscriminada) e não no plano dos significados, e, desta forma, a escuta desinteressada não terá qualidade estética pois será pautada pela distração e dispersão, que são atributos da experiência comum (AGUIAR, 2019, p. 34).

A apreciação, portanto, em um recital que consegue fixar a atenção do público e compartilha com ele os códigos musicais que caracterizam a apresentação, pode incorrer numa melhor repercussão para o Núcleo, compartilhando de maneira mais eficaz os conhecimentos sobre a flauta doce, e melhor aproveitamento para o ouvinte que tem a oportunidade de entender o que acontece durante o momento que está vivenciando.

Com o intuito de descobrir como recital didático do Núcleo afeta o público que o assiste, foi aplicado um questionário aberto onde os espectadores pudessem explicar, com suas próprias palavras, o que acham do uso dessa metodologia para a obtenção do resultado que é a divulgação da flauta enquanto instrumento artístico. Além do mais, é esperado captar informações acerca da experiência vivida pelo público durante o recital; já que nessa metodologia de apresentação, o espectador tem a oportunidade de ser mais ativo durante o processo, sendo os questionamentos feitos, uma peça fundamental para a construção do processo de aprendizagem, divulgação e perpetuação dos conhecimentos acerca da flauta doce.

Em relação à experiência estética, os resultados obtidos no questionário feito com o público mostraram que todos os entrevistados gostaram da experiência destacando o repertório, a sonoridade e a interação com o público. Sobre isso, as falas dos seguintes





entrevistados sintetizam a ideia que todos demonstraram ter: “fiquei maravilhado com as diversidades musicais, assim trabalhando vários estilos musicais interage muito com o público” (entrevistado 3) e “ouvir as características de estilos que muitas vezes ainda existem na atualidade, perceber técnicas, sonoridades de cada instrumento é muito bom, além de aumentar nosso repertório musical” (entrevistado 1).

Ao responder sobre o uso do recital didático, todos os entrevistados afirmaram ser uma boa metodologia para o aprendizado, afirmando ser cativante, reforçando que permite uma sensação de maior proximidade entre o público e os músicos e destacando que este formato desperta mais interesse do público para a apresentação. Na fala dos entrevistados encontramos que é uma ferramenta “muito boa” porque “tem a participação do público” (entrevistado 4) e que as apresentações “realmente fazem com que a plateia preste atenção e se interesse” (entrevistado 5).

A respeito da influência que o recital teve sobre a visão do espectador acerca do instrumento, suas características e possibilidades, dois dos entrevistados afirmaram não ter ocorrido mudança alguma pois já conheciam o potencial artístico previamente, tendo um deles, trabalhado com o ensino de flauta.

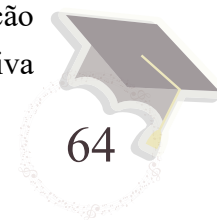
O restante dos entrevistados afirmou, por sua vez, que ao assistir ao recital conseguiram conhecer as flautas de madeira, descobrir novas possibilidades de repertório e se sentir incentivados a estudar e/ou aprimorar seus estudos musicais. Um dos entrevistados, por exemplo, relatou que o “motivou a aprimorar os [...] estudos musicais” (entrevistado 3). Outros entrevistados disseram que a apresentação do NFD despertou o “interesse e a vontade de tentar e experimentar algo novo” (entrevistado 5) e “quando vi o grupo NFD, vi novas possibilidades e boas perspectivas”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender e trazer ao público aspectos que estão relacionados ao recital didático feito pelo Núcleo de Flauta Doce da UFCA. Assim, através de entrevistas e questionários, foi possível construir informações a partir das respostas dos integrantes e espectadores que podem nos ajudar a entender como essa metodologia se relaciona com o indivíduo em suas características estética e informativa.

A elaboração do conteúdo desta pesquisa pode ser útil para aqueles que se interessam pelo tema, agregando conhecimentos e podendo ajudar em pesquisas posteriores, bem como na elaboração de futuros estudos dentro do âmbito da educação musical e da performance de flauta doce.

As informações obtidas através de entrevistas e questionários acerca da utilização do recital didático demonstraram que o público vê a metodologia como uma boa alternativa





tanto para a partilha de conhecimentos como para a apreciação, devido à proximidade construída entre o público e os músicos, o que acabou sendo demonstrado como uma forma de ganhar a atenção dos espectadores e fazer um recital mais proveitoso e mais interessante.

REFERÊNCIAS

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>. Acesso em: 16 ago. 2023.

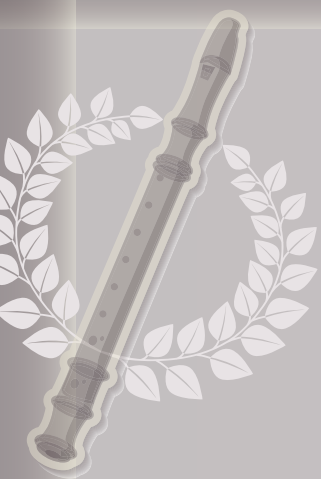
REGO, Jeasir Silva. O recital didático: um recorte de pesquisa sobre a percepção de alunos de 6º e 7º anos. **Revista NUPEART**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 99-110, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/9793>. Acesso em: 16 ago. 2023.

SAMPAIO, Cibely Dias. **Educação musical e recital didático**: análise conceitual e relato de uma pesquisa empírica educativo-musical. 2012. Monografia (Licenciatura em Música) – Universidade de Brasília, [Rio Branco, AC], 2012.

SCHLINDWEIN, Olga Maria. **Recital didático**: ensino e aprendizagem musical para formação de plateia. 2011. Monografia (Licenciatura em Música) – Universidade de Brasília, Rio Branco, AC, 2011.

SOARES, Gina Denise Barreto. O Concerto Didático analisado à luz da Retórica. In: COLÓQUIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UNIRIO, 20., 2014, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2014. p. 298-307. Disponível em: <http://seer.unirio.br/simpom/article/view/4559>. Acesso em: 16 ago. 2023.

SOARES, Gina Denise Barreto. Um concerto didático: representações sociais em música e educação. In: COLÓQUIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UNIRIO, 17., 2012, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2012. p. 403-411. Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/simpom/article/view/2461>. Acesso em: 16 ago. 2023.




Sobre os autores

Alice Galdino

É formada em Licenciatura em Música pela Universidade Federal do Cariri, tendo a flauta doce e violão como instrumentos principais de estudo. É professora de educação musical e musicalização, com foco de pesquisa voltado para flauta doce. Durante graduação foi bolsista dos Programas PIBID e Residência Pedagógica. Foi também bolsista de Iniciação Científica – PIBIC na pesquisa sobre ‘A Flauta Doce na Região do Cariri Cearense’ e componente do Núcleo de Flauta Doce da UFCA desde 2019.

Antonio Chagas Neto

Possui Pós-Doutorado em Educação Musical pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutor e Mestre em Música - Educação Musical pela Universidade Federal da Bahia. Especialista (*Lato Sensu*) em Ensino de Artes, Habilitação em Música pela Universidade Federal de Alagoas; e Graduado em Música - habilitação em Educação Musical pela Universidade Federal de Sergipe. Ministrou diversos cursos e oficinas de formação continuada para professores sobre práticas pedagógicas para o Ensino Musical em parceria com instituições como SESC Sergipe, Editora Paulinas e Escolas de Educação Básica. É professor adjunto da Universidade Federal do Cariri, onde atua nas áreas de Educação Musical e Flauta Doce. É Coordenador de Área do PIBID/Música/UFCA e foi Coordenador Geral de Estágios da Diretoria de Articulação e Relações Interinstitucionais - DIARI/UFCA (2018); Vice-coordenador do curso de Música da UFCA (2019); e Coordenador de Artes da Pró-Reitoria de Cultura - PROCULT/UFCA (2019-2020). É criador e coordenador do projeto institucional Núcleo de Flauta Doce da UFCA - NFD (2017-atual) e integrante do Grupo de Música Antiga Ancestrália (2016-atual). Foi coordenador adjunto do projeto de extensão - Música na Escola e Formação Docente: diálogos entre a Educação Musical e as Redes Públicas de Ensino (2021), envolvendo professores da Rede Municipal de Ensino das cidades de Juazeiro do Norte, Brejo Santo, Mauriti e Aurora no Estado do Ceará. É autor/organizador do livro Educação Musical e Práticas Instrumentais (CHAGAS NETO; ALMEIDA, 2016); e do livro O cotidiano no cotidiano da pandemia: reflexões e práticas com a educação musical (SOUZA *et al.*, 2021). É integrante do Grupo de Pesquisa Educação Musical e Cotidiano, criado e liderado pela Profa. Dra. Jusamara Souza. Suas pesquisas científicas têm como foco a Educação Musical, Sociologia da Educação Musical, Interação



Social, Ensino de Instrumento Musical e Ensino Particular de Música.

Daniele Cruz Barros


É Graduada em Licenciatura em Música pela Universidade Federal de Pernambuco (1992) e Bacharelado em Instrumento (flauta doce) pela mesma universidade (1993). Entre 1996 e 1998 foi agraciada com bolsa de estudos do governo brasileiro (CAPES/APARTES) para aperfeiçoar-se em flauta doce no Conservatório Nadia Boulanger (Paris), sob orientação de Laurence Pottier. Realizou mestrado em Musicologia no Conservatório Brasileiro de Música - Centro Universitário (1998). Em 2007, concluiu doutorado em Música e Musicologia (século XX) na Université de Paris IV-Sorbonne. Atualmente, é professora associado 3 da Universidade Federal de Pernambuco, atuando principalmente junto ao Consort de flautas doce e ao Flauta de Bloco - conjunto de música pernambucana, e como pesquisadora do repertório brasileiro para flauta doce. Em 2010, foi organizadora do IV Encontro Nacional de Flauta Doce, sediado em Recife.

Isamara Alves Carvalho

É Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (2010). Concluiu o Bacharelado em Música - Flauta Doce em 1996 pela Faculdade de Artes Alcântara Machado. Foi professora de Flauta Doce, Musicalização e Rítmica na Escola de Música da Fundação das Artes de São Caetano do Sul de 1993 a 2009, da qual foi coordenadora pedagógica no ano de 2006. Desde 2009 é professora efetiva do Departamento de Artes e Comunicação da UFSCar, atuando nos cursos de Licenciatura em Música (presencial) e Licenciatura em Educação Musical (modalidade de educação a distância) nas áreas de Prática e Ensino em Educação Musical, Rítmica e Flauta Doce. Na área de EaD exerceu atividades como tutora virtual do Curso de Educação Musical da UAB-UFSCar, formadora no Programa Descubra a Orquestra (OSESF) e no Projeto Guri, além de ter sido coordenadora no período de dezembro de 2011 a dezembro de 2015 da Licenciatura em Educação Musical da UFSCar. Foi vice-coordenadora do curso de Licenciatura em Música na gestão 2019/2021. Atualmente é vice-chefe do Departamento de Artes e Comunicação, orienta a elaboração de trabalhos de conclusão de curso de graduação e iniciação científica nas áreas de educação musical, ensino de instrumento e uso de recursos tecnológicos musicais, mantém grupos de estudo do repertório de trios e quartetos para flauta doce. É integrante do Grupo Horizonte (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Inovação em Educação, Tecnologias e Linguagens) da UFSCar.

Lucia Becker Carpena

É professora Titular do Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul desde 1995 e ministra na Graduação disciplinas ligadas à Flauta Doce. É professora permanente do PPG-MUS da UFRGS, onde, em 2017, foi criado o primeiro Mestrado em Práticas Interpretativas - Flauta Doce no país. Foi eleita



diretora do Instituto de Artes da UFRGS (2014-2018), chefe substituta do DEMUS-UFRGS (2013-2014) e coordenadora da Comissão de Graduação do curso de Música da UFRGS (2007-2010). Em 2012 foi professora colaboradora do PPG-MUS da UFPR, ministrando disciplinas teórico-práticas ligadas à ópera barroca. Possui Graduação em Licenciatura em Educação Artística (Habilitação em Música) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1990) e Mestrado em Flauta Doce (Künstlerische Ausbildung) na *Staatliche Hochschule für Musik und Darstellende Kunst Stuttgart* (1995) sob orientação do Prof. Hans-Joachim Fuss. Concluiu em 2007 o Doutorado em Música na Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP sob orientação dos professores Helena Jank e Paulo Mugayar Köhl, defendendo tese intitulada “Caracterização e uso da flauta doce nas óperas de Reinhard Keiser (1674-1739)”, com estágio doutoral na Universität der Künste (UdK) em Berlim, sob orientação da Profa. Dra. Susanne Fontaine. Como flautista, atua como camerista e solista convidada junto a orquestras no Brasil e no exterior. Em 2008 criou a série “Brasiliãna”, da qual é também a editora, dedicada à divulgação de obras brasileiras contemporâneas para flauta doce, publicadas pela editora Tre Fontane, de Münster (Alemanha). Foi a diretora musical do projeto “Ópera na UFRGS”, que produziu “Dido e Enéias”, de H. Purcell, em 2012 e em 2013 apresentou “L’Orfeo”, de C. Monteverdi. Em 2014 compartilhou a direção musical da ópera “A bela e fiel Ariadne” (1692), de Johann Conradi, produzida e dirigida pela Profa. Silvana Scarinci, na UFPR. Em 2016, ainda no âmbito do projeto “Ópera na UFRGS”, fez a direção geral da Missa do Orfanato, de W. A. Mozart. Em 2021 foi bolsista do DAAD para estágio de pesquisa na UdK sobre as óperas apresentadas no Theater am Gänsemarkt, de Hamburgo (1678-1738). Sua área de atuação como pesquisadora e palestrante contempla principalmente os seguintes temas: flauta doce, metodologia do ensino da flauta doce, música barroca, ópera barroca alemã e música brasileira para flauta doce.

Paula Andrade Callegari

É Doutora em Música pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde defendeu a tese “As virtudes retóricas em *Le istituzioni harmoniche* (1558) de Gioseffo Zarlino”; mestre em Música pela Universidade de Brasília (UnB), com pesquisa sobre a relação indivíduo-música na educação musical e graduada em Educação Artística - Habilitação em Música (Flauta doce) e em Administração pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). É professora de flauta doce do Instituto de Artes da UFU e integra o Grupo de Pesquisa em Música da Renascença e Contemporânea (GReCo). Flautista doce com intensa atividade artística, foi membro das Flautas de São Paulo (2012-2016) e atua principalmente com a Camerata do GReCo e como coordenadora do Grupo de Flauta Doce da UFU.

UFCA
UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI

ISBN: 978-65-88329-57-3

CD



9 786588 329573